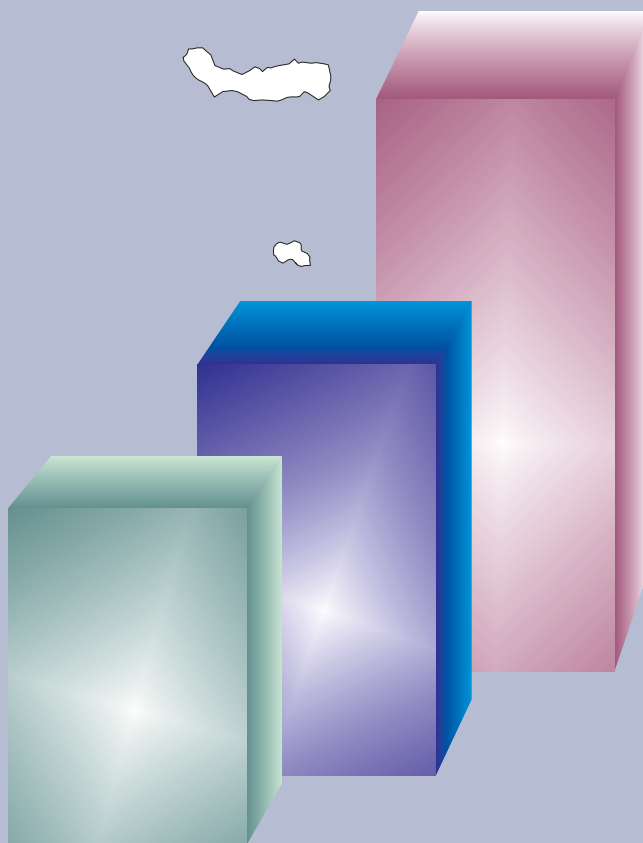
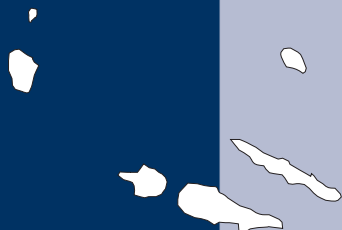




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Vice-Presidência do Governo, Emprego e Competitividade Empresarial
Direção Regional do Planeamento e Fundos Estruturais

Situação Socioeconómica 2018



outubro

08/2019

ÍNDICE

	Pág.
Introdução	3
0. Contas Regionais.....	5
1. População	9
2. Mercado de Trabalho	13
3. Preços no Consumidor	17
4. Moeda e Crédito.....	19
5. Finanças Públicas	23
6. Agricultura	27
7. Pescas.....	33
8. Energia.....	37
9. Comércio com o Estrangeiro	43
10. Turismo	47
11. Transportes.....	53
12. Educação	57
13. Desporto.....	61
14. Cultura	63
15. Saúde.....	67
16. Segurança Social	71
17. Sociedade da Informação	75

INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:

www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/

DRPFE, outubro de 2019

0. CONTAS REGIONAIS

Os dados das Contas Regionais publicadas pelo INE em dezembro de 2018, são consistentes com os dos apuramentos para as Contas Nacionais anuais e atualizados em funo das dinâmicas de crescimento regional, tendo por base métodos para decomposio territorial da taxa de crescimento do VAB.

Assim, os dados mais recentes revelam um valor preliminar de 4.128 milhões de euros para o PIB na Região Autnoma dos Açores em 2017, representando um crescimento nominal  taxa média anual de 4,2% e uma variao real de 2,4%.

O valor global do PIB permitiu uma riqueza média por habitante de 16,9 mil euros, que em relao ao ano anterior representa um crescimento nominal de 5,6%.

A evoluo da produo e da riqueza média na Região Autnoma dos Açores tem vindo a assegurar posicionamentos significativos no contexto de outras regiões europeias em geral e das do próprio país em particular. Nos últimos anos o indicador do PIB per capita tem-se situado em relao  UE28 e ao país, respetivamente, na casa dos 68 a 69% e de 89 a 90%.

Produto Interno Bruto – (Base 2011), a preços de mercado

Unid.: Milhes de Euros

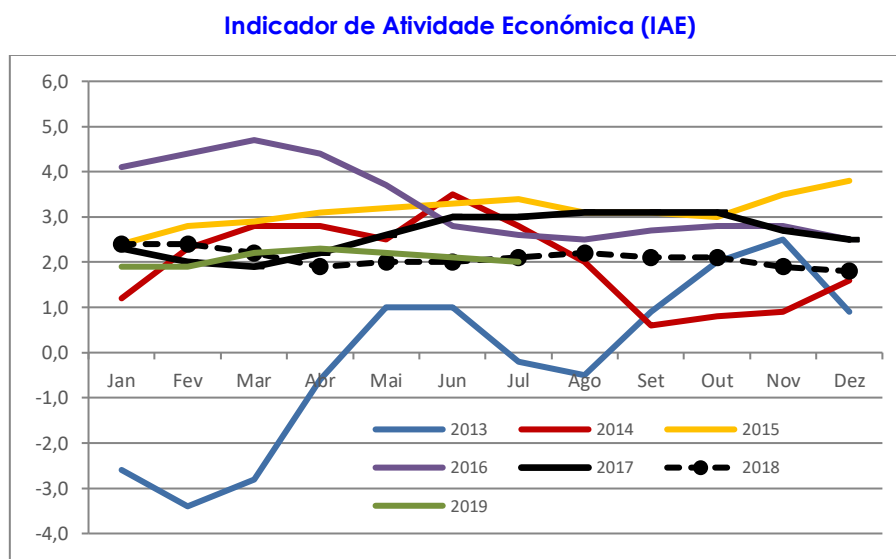
	Açores	PIB per capita (mil euros)	PIB per capita (Pas=100)	PIB per capita PPC (UE28=100)
2012	3 610	14,6	91,1	68,4
2013	3 663	14,8	90,9	69,5
2014	3 706	15,0	90,2	69,0
2015	3 830	15,6	89,7	68,7
2016	3962	16,0	89,2	69,0
2017 Po	4128	16,9	89,2	68,4

Po = Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2011)

Dados mais recentes, para o ano de 2018, também apontam no sentido da continuao de crescimento. A estimativa de crescimento para PIB, calculada pelo SREA, representa um crescimento nominal superior a 4% e em volume superior a 2%.

Utilizando o IAE – Indicador de Atividade Económica que, mede a evolução da atividade económica em períodos intra-anuais, verifica-se uma certa regularidade no crescimento económico até ao primeiro semestre de 2019.



Fonte: SREA

O Valor mais recente do VAB, de 3 577,3 milhões de euros em 2017, continua a integrar-se numa linha de crescimento que aponta no sentido da retoma económica.

Para esta evolução também continuou a destacar-se o contributo do ramo do Comércio, Transportes, Alojamento e Restauração pela intensidade registada e por efeitos decorrentes do seu peso entre as diversas atividades económicas.

Assinale-se os crescimentos positivos nos sectores primário e secundário, particularmente o crescimento superior à média que se registou no ramo de Agricultura e Pescas.

O ramo do Imobiliário também prosseguiu o seu crescimento na linha de regularidade que já vinha revelando, sendo no último ano acompanhado pelo crescimento positivo no ramo da Construção.

VAB por Ramos de Atividades Econmicas

Preços Correntes Unid.: 10⁶ euros

	Total	Agricultura e Pesca	Industrias gua Saneamento	Construo	Comcio Transportes Alojamento Restauraco	Informaco Comunicao	Finanças Seguros	Imobiliário	Técnico Cientifico Apoio Adm.	Administrao Serviços Pb	Outros Serviços
2002	2 510,5	254,4	179,3	213,4	598,1	57,3	91,8	208,5	83,9	762,6	61,1
2003	2 607,8	256,2	190,7	203,0	630,6	60,2	104,1	226,0	91,9	784,0	61,1
2004	2708,4	264,6	200,6	216,2	661,2	59,5	100,5	237,1	96,8	812,4	59,6
2005	2 830,4	265,7	213,3	210,6	695,0	63,3	109,6	258,6	104,8	845,6	63,9
2006	2 962,2	260,8	229,4	215,8	732,0	68,3	133,5	271,2	108,4	871,9	71,1
2007	3 124,6	239,1	253,9	239,5	762,0	71,0	140,1	292,7	116,7	927,1	82,7
2008	3 279,4	264,1	257,9	252,0	785,2	74,3	160,0	324,0	123,2	942,8	95,9
2009	3 304,7	261,8	262,3	224,5	803,8	65,9	139,5	342,0	114,9	991,3	98,7
2010	3 374,5	273,1	280,8	204,3	830,3	61,4	125,7	372,6	120,7	1 004,52	101,1
2011	3 291,7	275,0	272,8	189,5	801,8	66,9	118,2	374,1	117,7	970,8	104,9
2012	3 159,1	297,9	271,1	154,5	779,1	60,2	109,6	393,0	108,9	880,4	104,0
2013	3 221,7	299,7	291,0	131,5	782,3	54,7	87,9	419,6	111,4	937,9	105,6
2014	3 240,8	317,8	277,1	123,0	763,1	54,2	97,2	429,5	114,2	955,1	109,6
2015	3 340,0	316,4	288,9	124,5	787,5	52,8	103,2	436,5	118,7	993,1	118,3
2016	3 445,9	306,1	288,9	124,4	841,4	55,0	97,4	450,1	132,1	1020,9	121,5
2017 Po	3 577,3	322,0	293,6	132,7	904,9	56,6	93,2	460,4	142,2	1 046,6	126,1

Po: Dados Provisórios.

Fonte: INE. Contas Regional (base 2011).

Os últimos dados disponíveis para a FBCF referem-se a um ano antes aos já disponíveis para a produo – VAB.

Consequentemente, os últimos dados disponíveis, para o ano de 2016, mostram um valor praticamente estabilizado numa ordem de grandeza de 540 milhões de euros.

Neste contexto, destaca-se o investimento no ramo de Administrao e Serviços Públicos pela dimensão que ocupa e pela funo que poderá desempenhar na gestão econmica da conjuntura e do crescimento.

Já os casos nos ramos da Agricultura e Pescas e, também no de Imobiliário, destacam-se pelos sinais positivos em termos de intensidade de variao média anual.

FBCF – Formação Bruta de Capital Fixo

Unid.: milhões de Euros

	Total	Agricultura e Pesca	Indústrias Água Saneamento	Construção	Comércio Transportes Alojamento Restauração	Informação Comunicação	Finanças Seguros	Imobiliário	Técnico Científico Apoio Adm.	Administração Serviços Púb	Outros Serviços
2002	995,3	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2003	1 123,1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2004	979,2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2005	1 242,3	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2006	850,5	17,9	116,3	34,6	253,1	24,7	33,3	139,9	29,4	193,1	8,2
2007	1 055,8	33,7	116,2	52,4	415,8	27,9	19,7	150,8	46,2	180,2	13,0
2008	1 027,5	20,2	119,4	28,4	373,1	52,3	31,0	128,6	23,2	230,6	20,9
2009	968,3	25,1	176,6	19,0	184,3	49,3	20,3	124,5	73,2	279,6	16,3
2010	868,6	39,9	145,6	16,1	200,9	50,3	11,1	98,4	74,1	220,8	11,5
2011	689,6	40,3	107,5	8,1	154,3	35,9	6,9	112,4	29,3	180,5	14,5
2012	634,3	36,2	109,9	17,1	141,9	29,7	4,3	82,5	13,1	193,4	6,3
2013	541,1	33,7	56,1	10,4	106,1	28,1	6,4	73,0	16,7	204,7	5,9
2014	494,2	40,3	70,0	12,1	86,4	30,6	0,8	80,8	26,7	128,0	18,3
2015	542,8	46,3	74,0	18,5	117,5	27,1	-1,5	77,8	43,3	121,6	18,1
2016	541,0	48,7	67,3	17,7	108,3	30,3	0,7	93,9	26,4	127,7	20,0

Fonte: INE. Contas Regional (base 2011).

Os últimos dados sobre rendimentos das famílias registam um total de 2 953,0 milhões de euros para o Rendimento Primário Bruto (basicamente remunerações dos empregados mais excedentes de exploração de empresas e sociedades) em 2016.

Já sobre o Rendimento Disponível Bruto (basicamente líquido de impostos e transferências) não estão publicados dados para aquele mesmo ano, mas o histórico mostra pequenas diferenças de variação, sendo que é frequente observarem-se mais variações de sinal positivo.

Rendimentos

Unidade: Milhões de euros

	Rendimento Primário Bruto	Rendimento Disponível Bruto
2005	2 564,4	2 555,7
2006	2 717,2	2 731,7
2007	2 776,3	2 810,7
2008	2 950,6	2 991,9
2009	2 944,4	2 990,6
2010	2 961,3	3 023,3
2011	2 862,1	2 942,3
2012	2 724,7	2 774,5
2013	2 774,5	2 776,9
2014	2 786,1	2 790,7
2015	2 855,0	2 905,0
2016	2 953,0	-

Fontes: INE. Contas Regionais (base 2011).

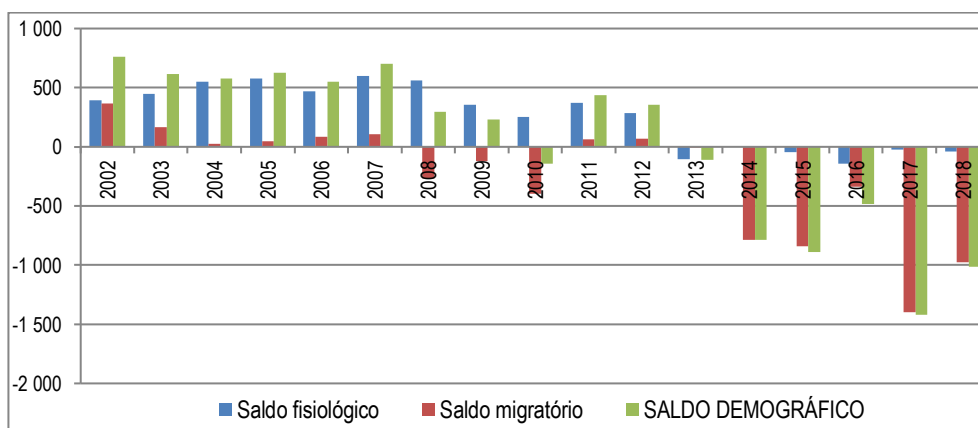
1. POPULAO

A populao residente na Região Autnoma dos Açores, estimada pelo INE para o ano de 2018, traduziu-se num total de 242 846 pessoas.

Este volume total de pessoas representa um decréscimo de cerca de 0,4% em relao ao ano anterior, decorrendo através de variaes ocorridas em ambos os saldos demográficos, o fisiológico e o migratório.

Entretanto, destaque-se, o saldo migratório representou por si só cerca de 96% da variao global.

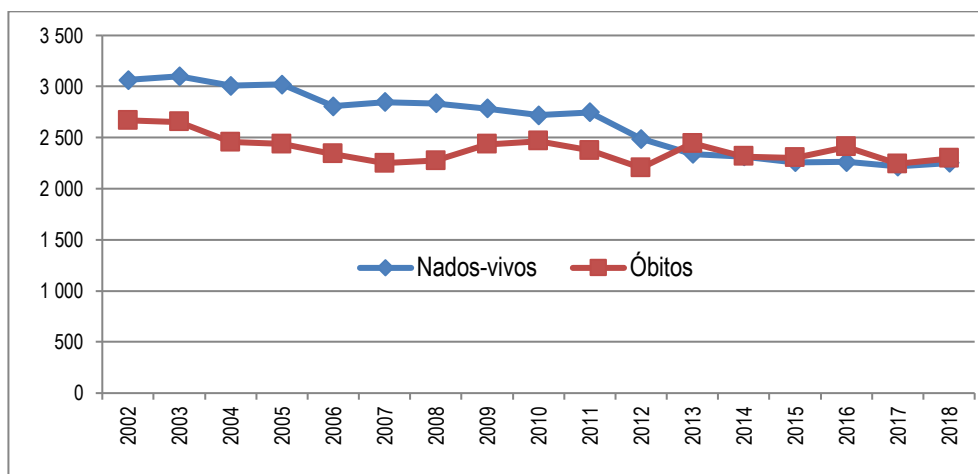
Decomposio da Evoluo da Populao



Efetivamente estima-se um decréscimo de 1 016 pessoas por efeito de movimentos migratórios, cabendo apenas 25 pessoas por efeito do saldo fisiológico.

Estes números integram-se na trajetória demográfica dos últimos anos, com movimentos migratórios a assumirem maior dimensão e impacto no volume global de residentes, ao passo que os saldos fisiológicos vo registando um valor menos representativo, mesmo residual, pela reduo dos níveis de natalidade (n de nados vivos) face aos de mortalidade (n de bitos).

Evolução das Componentes dos Saldos Fisiológicos



Os saldos fisiológicos situam-se em níveis relativamente mais favoráveis no contexto do país, mas tem vindo a aproximar-se da média portuguesa e, conseqüentemente, reduzindo a diferenciação positiva que se registava em fases anteriores de evolução demográfica.

Mortalidade e Natalidade

	‰			
	Açores		Portugal	
	2017	2018	2017	2018
Tx. bruta de mortalidade	9,2	9,4	10,7	11,0
Tx. bruta de natalidade	9,1	9,3	8,4	8,5

Fonte: INE, SREA.

A natalidade infantil registou a taxa de 4,0‰ em 2018, cabendo 3,1‰ à componente neonatal e 0,9‰ à componente pós-neonatal.

Mortalidade Infantil

	‰			
	2015	2016	2017	2018
Tx. de mortalidade infantil	4,4	1,8	2,3	4,0
Tx. neonatal	2,7	0,9	1,4	3,1
Tx pós-neonatal	1,7	0,9	0,9	0,9

Fonte: INE, SREA.

O número de casamentos em 2018 atingiu a quantidade de 960 registos. Este número representa um acréscimo em relao ao ano anterior e, aparentemente, prossegue acréscimos sucessivos depois do mínimo de 803 em 2014, mas situando-se aquém dos 1 214 de 2010.

Nupcialidade

Unid.: N

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Casamentos	1 214	1 023	944	855	803	903	922	921	960
Divórcios	743	768	728	685	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
Separaoes	3	9	6	7	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.

nd : não disponível.

Fonte: SREA.

No âmbito da estrutura etária da populao prosseguiu a reduo da representatividade da populao jovem com menos de 15 anos, dentro da linha de tendência já evidenciada há alguns anos e, também, do aumento da populao com mais de 64 anos.

Entretanto, o grupo etário da populao entre os 15 e os 64 anos, grosso modo o de pessoas em idade ativa, registou um certo decréscimo de representatividade situando-se ligeiramente abaixo dos 70% que atingira nos três anos anteriores.

Estrutura Etária da Populao

%

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Populao com menos 15 anos	18,3	17,9	17,5	17,2	16,8	16,4	16,2	16,0	15,6
Populao dos 15-64 anos	69,2	69,2	69,5	69,8	69,9	70,0	70,0	70,0	69,8
Populao com mais de 64 anos	12,5	12,9	13,0	13,0	13,2	13,5	13,8	14,0	14,6

Fonte: INE.

2. MERCADO DE TRABALHO

Emprego

Nos quatro trimestres do ano de 2018, a população empregada correspondeu a um volume médio de 111 799 indivíduos em idade ativa, incorporando um acréscimo de 553 pessoas em relação ao ano anterior.

Este acréscimo no volume de emprego situa-se na ordem de grandeza de um correlativo decréscimo no volume dos que se encontravam involuntariamente desempregados.

Note-se, aliás, que a evolução do nível de atividade da população se traduziu num crescimento da respetiva taxa, correspondendo a uma evolução comparável, em termos de compensação, ao nível do desemprego.

Assim, verifica-se que a evolução no mercado de trabalho decorreu basicamente no âmbito da população ativa residente, não envolvendo de forma expressiva indivíduos com origem em saldos migratórios, nem em inativos a ingressarem pela primeira vez no mercado de trabalho.

Condição da População Perante o Trabalho

	Nº Indivíduos					
	2013	2014	2015	2016	2017	2018
População total	246 352	247 535	247 358	244 785	244 638	242 599
População Ativa	119 838	121 583	122 315	120 797	122 210	122 313
Empregada.....	99 459	101 768	106 715	107 345	111 246	111 799
Desempregada	20 380	19 815	15 600	13 452	10 964	10 514
Tx. de Atividade (%)	48,6	49,1	49,4	49,3	50,0	50,4
Tx. de Atividade Feminina (%) .	41,6	43,1	43,4	44,2	44,9	44,6
Tx. de Desemprego (%)	17,0	16,3	12,8	11,1	9,0	8,6

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

O acréscimo absoluto de população ativa empregada abrangeu os diversos setores de atividade, distribuindo-se, todavia, segundo intensidades de variação diferentes.

O emprego no setor secundário voltou a registar um crescimento superior ao da média geral por efeito de atividades associadas a produção de energia e água, ao mesmo tempo que a construção mantém níveis de evolução no âmbito da trajetória que se vem delineando depois das quebras acentuadas nos anos de crise mais generalizada.

O emprego no setor primário registou um crescimento dentro do padrão médio, mantendo em 2018 uma representatividade idêntica à do ano anterior, que se traduziu em 20,7% do total.

O acréscimo absoluto de emprego no setor terciário foi mais moderado do que a média geral. Todavia, assinala-se que esta moderação foi mais evidente pela contenção em atividades com características de serviços públicos, como Administração, Ensino, Saúde e Ação Social, do que em atividades com características mais marcantes, como Alojamento, Restauração e Similares.

População Ativa Empregada por Setores de Atividade

	Indivíduos, nº			%		
	2016	2017	2018	2016	2017	2018
Sector Primário.....	10 253	11 910	11 979	9,6	10,7	10,7
Sector Secundário.....	16 454	17 075	17 525	15,3	15,4	15,7
Sector Terciário	80 638	82 261	82 296	75,1	73,9	73,6
Total.....	107 345	111 246	111 500	100,0	100,0	100,0

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

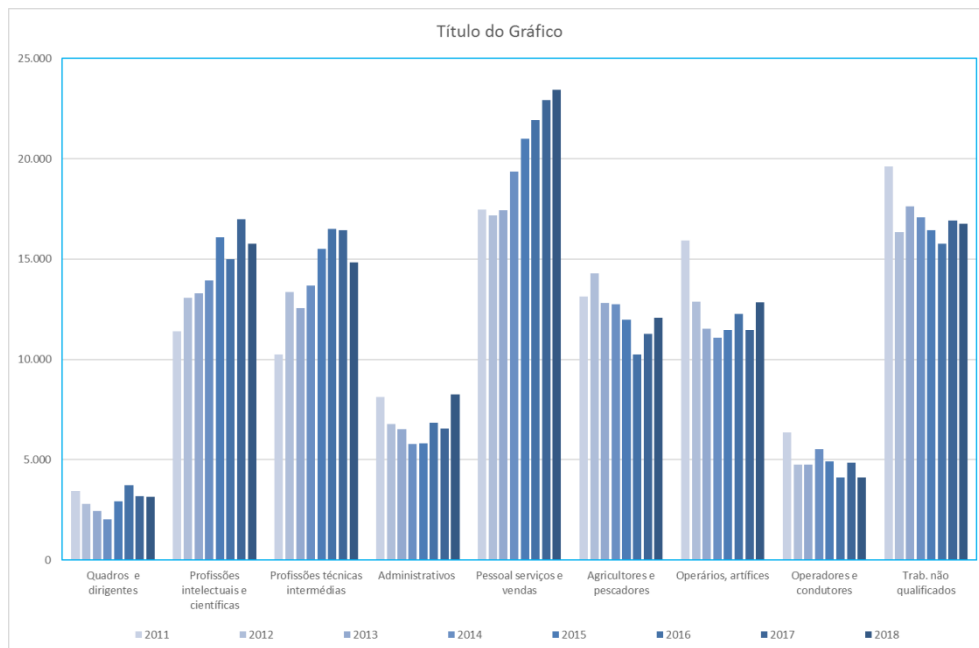
Observando a evolução do emprego segundo as profissões, destaca-se a de Pessoal de Serviços e Vendas no âmbito do setor terciário e dentro de uma certa tendência definível pela regularidade de variações anuais que se sucedem no tempo para além do ciclo de conjuntura.

Já a profissão de classificados como Administrativos revela algum crescimento mais recente e numa trajetória mais próxima de uma recuperação cíclica de curto prazo.

As profissões de Agricultoras e Pescadores correspondem grosso modo à evolução do próprio setor primário que vem mantendo a sua representatividade no contexto do volume global de emprego.

Nas profissões associadas ao setor secundário observam-se casos com maiores variações e linhas ou trajetórias de evolução menos definíveis. Possivelmente as profissões de Operadores e Condutores aproximam-se mais de uma tendência mais delimitável e de decréscimo, cabendo às categorias de Operários os saldos de acréscimos que se tenham verificado.

População Ativa Empregada, por Profissão



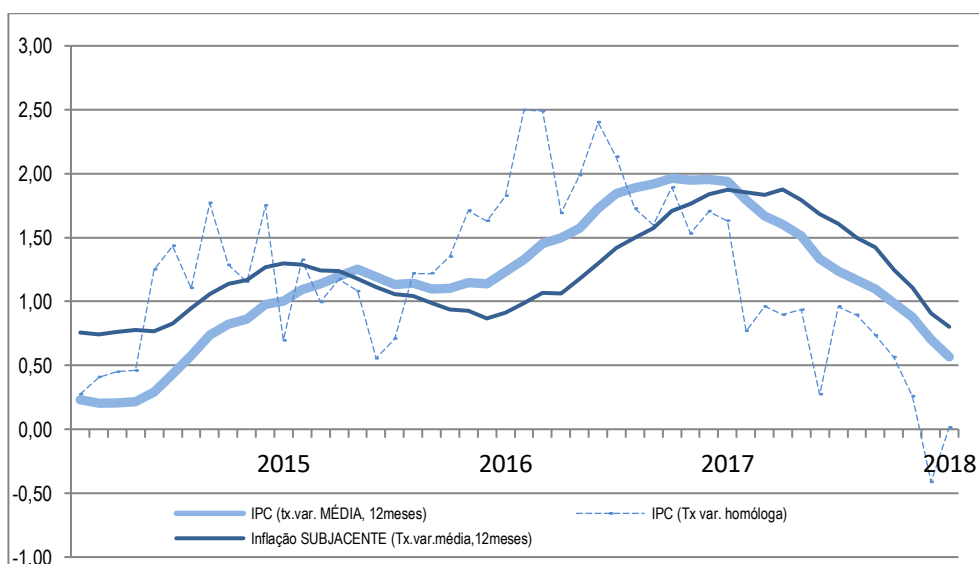
3. PREÇOS NO CONSUMIDOR

O Índice de Preços no Consumidor no ano de 2018 registou uma variao à taxa média de 0,57%, interrompendo a trajetória que vinha delineando nos três anos anteriores, enquanto se veio a aproximar ao nível máximo de 2,0%.

Entretanto, a desacelerao registada naquele ano de 2018 continuará a observar-se no curto prazo, como as variaoes homólogas deixam antever, já que se tem vindo a registar quebras significativas nos últimos meses.

Além disso, possíveis efeitos contrários por via de importao de matérias-primas terão um impacto reduzido ao nível global dos preços, atendendo que a inflao subjacente, isto , excluindo matérias-primas de energia importada e de produtos alimentares não transformados, tem vindo a representar um peso tendencialmente decrescente.

Evoluo intra-anual do IPC, base 2012
(taxas de variao)



As classes de 1. Alimentares e bebidas não alcoólicas e de 3. Vestuário e calçado destacaram-se pelo papel que desempenharam na desacelerao geral de preços, seja por terem registado decréscimos em termos nominais, seja pela contribuio que atingem em termos

decorrentes da ponderação que ocupam no cabaz de compras utilizado para medir as variações de preços no consumidor ao nível da procura interna.

Já as classes de 2. Bebidas, 7. Transportes e 11. Hotelaria e Restauração com acréscimos nominais de preços decorrerão da sua forte associação a setores e de atividades e serviços com processos internos de crescimento e de resposta a mercados com procura externa em expansão.

Variação e Contribuição por Classes de Despesa

Unidade: %

Classes	Variação de preços		Ponderadores (peso)	Contribuição	
	2017	2018		2017	2018
1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas....	1,1	1,1	27,6	0,3	0,3
2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco	8,6	3,4	5,2	0,4	0,2
3. Vestuário e Calçado	0,9	-2,1	6,1	0,1	0,1
4. Habitação., Água, Eletricidade, Gás e Outros Combustíveis	0,8	1,0	8,4	0,1	0,1
5. Acessórios, Equip. Domést. e Manut. Corrente da Habitação	1,3	1,4	5,9	0,1	0,1
6. Saúde	0,6	0,6	8,6	0,0	0,0
7. Transportes.....	3,0	2,4	13,7	0,4	0,3
8. Comunicações	2,1	0,1	4,7	0,1	0,0
9. Lazer, Recreação e Cultura	2,5	-0,2	4,5	0,1	0,0
10. Educação.....	0,9	1,9	0,9	0,0	0,0
11. Hotéis, Cafés e Restaurantes.....	2,9	2,4	6,3	0,2	0,2
12. Bens e Serviços Diversos	1,4	0,9	8,1	0,1	0,1
Total	1,9	0,6	100,0	1,9	1,6

Fonte: SREA.

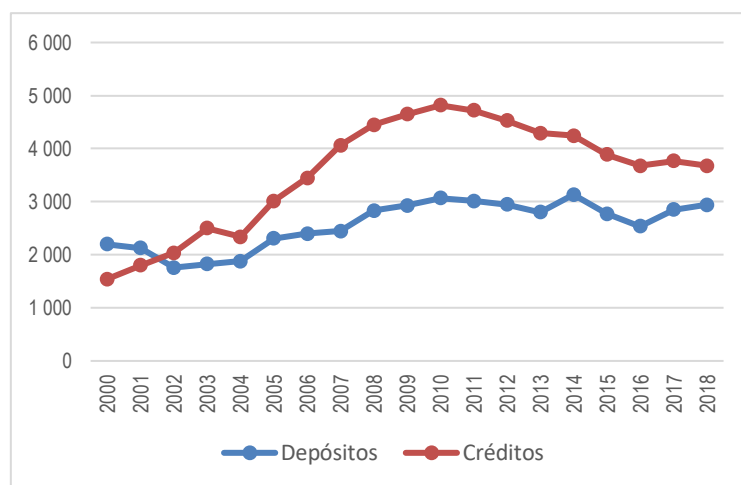
4. MOEDA E CRÉDITO

O volume de poupança captada através das redes de bancos comerciais com balcões na Região Autnoma dos Açores tem vindo a situar-se num patamar próximo de 3 000 milhões de euros de depósitos.

Já quanto ao volume de crédito concedido, depois de uma fase em que atingiu o seu máximo muito próximo de 5 000 milhões de euros no ano de 2010, tem vindo a registar uma trajetória de reduo significativa.

Estes tipos de tendências inserem-se na sequência de políticas com vista a reequilrios de balanços financeiros e de aproximar as capacidades de financiamento interno às necessidades de investimento sustentável da economia.

Evoluo de Depósitos e Créditos Bancários
(milhões de euros)



Efetivamente, em 2018, a concessão de créditos de 3 679 milhões de euros assentou numa base de poupança de 2 940 milhões de euros, representando um grau de cobertura de 79,9%, enquanto em 2010 os respetivos valores representavam apenas 63,6%.

Isto , no período em análise verificou-se um aumento de garantia de cobertura financeira, que poderá ser traduzível numa melhoria daquele rácio em cerca de 16 pontos.

Estes dados decorrem da política de desalavancagem financeira de economia no período pós-crise de 2011 e inserem-se nos processos de consolidao e reestruturao do setor bancário.

Depósitos e Créditos Bancários

10⁶ Euros

	Depósitos	Créditos ¹⁾	Créditos/Depósitos (%)
2010	3 065	4 816	63,6
2011	3 015	4 728	63,8
2012	2 945	4 527	65,1
2013	2 799	4 291	65,2
2014	3 133	4 245	73,8
2015	2 771	3 889	71,3
2016	2 538	3 675	69,1
2017	2 850	3 766	75,7
2018	2 940	3 679	79,9
Evoluo Δ %			
2010	+4,6	+3,7	
2011	-1,6	-1,9	
2012	-2,3	-4,1	
2013	-5,0	-5,2	
2014	+11,9	-1,1	
2015	-11,6	-8,4	
2016	-8,4	-5,5	
2017	+12,3	+2,5	
2018	+3,2	-2,3	

1) Não inclui crédito titulado.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt.

Depósitos

O volume de depósitos captados em 2018 registou um crescimento à taxa média anual de 3,2%, que traduz um ritmo de crescimento comparável ao registado no conjunto da economia do país, mantendo assim a quota que registara no ano anterior, de 1,4%.

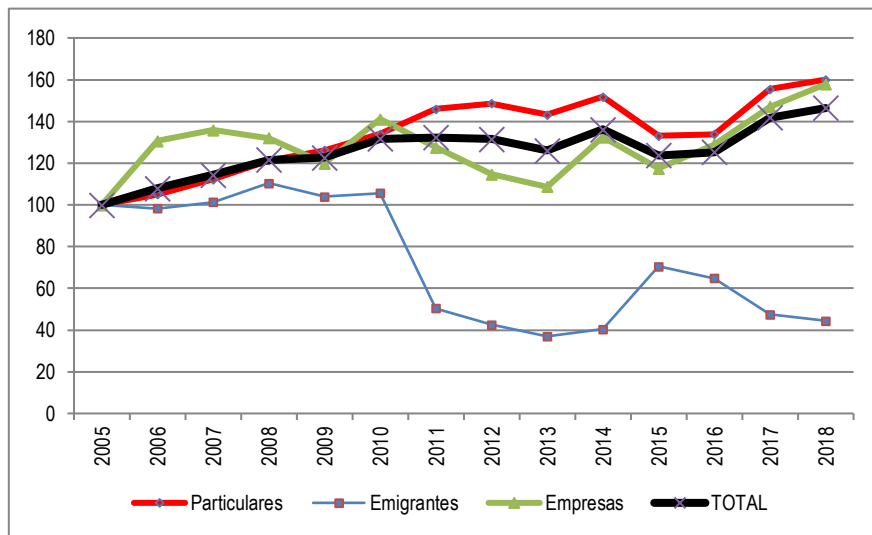
Os depósitos de particulares residentes no país continuam a representar a principal fonte de poupanças captadas pelos bancos, representando cerca de 80% do total e, logicamente, condicionando de forma mais evidente a evoluo geral.

Os depósitos de empresas (sociedades não financeiras) têm registado uma representatividade de cerca de 15% nos últimos 3 anos.

Os depósitos de emigrantes ocupam uma posição complementar e a sua trajetória aponta no sentido de uma mudança de padrão a partir de 2011.

Depósitos Segundo Aforradores

(Índice base 100=2005)



Créditos/Empréstimos

O volume de créditos concedidos registou um decréscimo à taxa média anual de 2,3% durante o ano de 2018, comparável ao observado no conjunto do país, mantendo assim a quota idêntica à do ano anterior, de 2,0%.

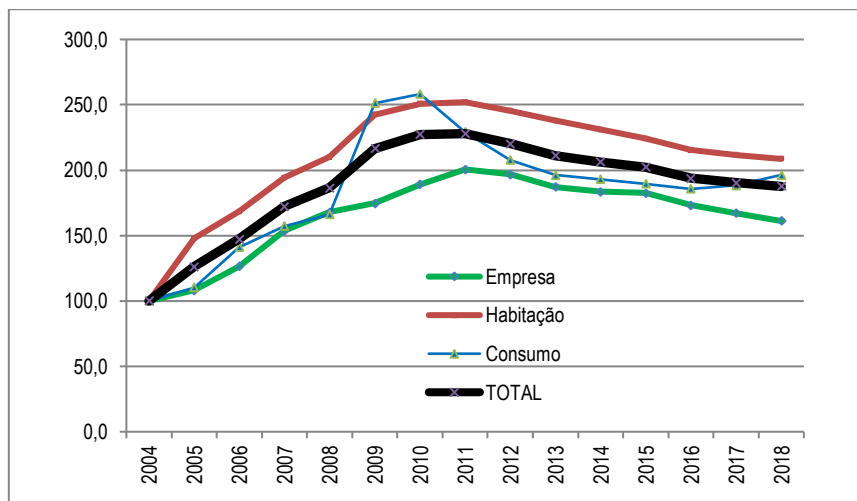
Os empréstimos para habitação representam a componente mais significativa e, depois de crescimentos mais intensos durante a fase de alavancagem, vêm registando uma evolução mais próxima da evolução geral, praticamente paralela.

Os créditos para financiamento empresarial vêm representando uma posição de cerca de um terço do total.

Os empréstimos aos consumos evidenciam maior variabilidade, seja por maior sensibilidade a fatores de conjuntura, seja pela própria dimensão mais reduzida que ocupam.

Créditos Segundo Agentes

(Índice base 100=2004)



Distribuição territorial

A evolução recente do desempenho da atividade bancária mostra variações e trajetórias condicionadas por fatores de conjuntura.

Entretanto elementos sobre rede e cobertura bancária continuam a revelar níveis de capacidade e de realização significativos no contexto da economia portuguesa.

Rede e Cobertura Bancária em 2018

	Unidades	Açores	País	Açores/País (%)
Depósitos.....	10 ⁶ Euros	2 940	217 233	1,4
Créditos.....	10 ⁶ Euros	3 679	184 908	2,0
Balcões (1).....	Nº	131	4 054	3,2

(1) Dados relativos a 2016.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt.

5. FINANÇAS PÚBLICAS

Evolução Geral

O montante de 1 194,2 milhões de euros das despesas da conta da Região Autónoma dos Açores, durante o ano de 2018, incorpora um acréscimo nominal à taxa média de 5,0%.

Nesta evolução das despesas assinala-se o reforço das Despesas de Capital e do Plano, enquanto as correntes registaram um decréscimo, mesmo em termos nominais. Efetivamente as Despesas Correntes de 687,4 milhões de euros, naquele mesmo período, representam uma variação à taxa de -0,5%.

A evolução do financiamento das despesas da Conta de 2018 distribuiu-se entre as suas principais componentes com intensidades de variação que basicamente mantiveram a estrutura do ano anterior. De facto, as rubricas de Receitas Fiscais, Transferências e Empréstimos continuaram a representar proporções na ordem de grandeza do ano anterior, a saber, respetivamente de 57%, 29% e 11% do total.

Aplicações e Financiamento — Conta da RAA

	Montante (Milhões de Euros)					Estrutura %				
	2014	2015	2016	2017	2018	2014	2015	2016	2017	2018
DESPESAS	990,3	1 047,1	1 180,7	1.137,3	1.194,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Despesas Correntes	652,8	664,6	672,8	690,6	687,4	65,9	63,5	57,0	60,7	57,6
Despesas de Capital ...	19,8	19,7	139,6	72,9	81,7	2,0	1,9	11,8	6,4	6,8
Despesas do Plano	317,7	362,8	368,3	373,8	425,1	32,1	34,6	31,2	32,9	35,6
RECEITAS (Corr.+Capital)	990,3	1 047,1	1 180,7	1.137,6	1.195,4	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Receitas fiscais *	625,6	638,0	631,5	657,2	685,2	63,2	60,9	53,5	57,7	57,3
Transferências.....	308,8	330,8	350,9	331,9	350,7	31,2	31,6	29,7	29,2	29,4
Empréstimos.....	49,0	69,0	188,5	132,0	141,0	4,9	6,6	16,0	11,6	11,8
Outras.....	6,9	9,3	9,8	16,5	17,5	0,7	0,9	0,8	1,5	1,5

*Impostos mais taxas, incluindo contribuições para a Segurança Social.

Fonte: Conta da R. A. A., DROT.

Despesas

O decréscimo das Despesas Correntes, já assinalado inicialmente na sua globalidade, abrangeu diversas rubricas e se algumas podem ser condicionadas significativamente por fatores de ordem externa, como o caso de encargos correntes da dvida e respetivos juros, outras despesas dependem mais de opoes de políticas e gestão internas como as transferências e as despesas com pessoal.

Se ao conjunto das Despesas Correntes, de Capital e do Plano se adicionar o montante de operaoes extraorçamentais de 268,3 milhões de euros contabiliza-se um total de 1 462,5 milhões de euros.

Despesas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Despesas	2016	2017	2018
Despesas Correntes	672 836	690 625	687 412
Despesas com Pessoal	311 786	318 425	317 132
Aquisio de bens e Serviços correntes	13 197	13 227	12 529
Encargos correntes da dvida (juros e outros)	14 670	15 637	15 391
Transferências correntes	321 735	331 018	329 398
Subsídios.....	0	0	0
Outras despesas correntes	11 448	12 318	12 962
Despesas de Capital	139 616	72 877	81 698
Aquisio de bens de capital	295	306	336
Ativos financeiros	0	0	0
Passivos financeiros (amortizaoes)	138 943	72 393	81 258
Transferências de capital	0	0	0
Outras despesas de capital	378	178	104
Despesas do Plano	368 177	373 825	425 101
Sub-total	1 180 629	1 137 326	194 211
Contas de Ordem / Operaoes extraorçamentais	206 182	229 017	268 282
Total	1 386 811	1 366 343	1 462 493

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Receitas

O acréscimo de financiamento incorporou fontes de receitas de capital, como a de empréstimos, mas beneficiou principalmente de receitas fiscais correntes como as dos impostos indiretos.

Efetivamente, no âmbito das receitas fiscais, a arrecadação de impostos indiretos no montante de 471,0 milhões de euros representa um acréscimo de 8,9% em relação ao ano anterior, enquanto nos impostos diretos, pelo contrário, registou-se um decréscimo mesmo em termos nominais.

Por sua vez, os empréstimos pedidos de 141 milhões de euros e contabilizados na rubrica Passivos financeiros representam um acréscimo à taxa média anual de 6,8%.

Adicionando os movimentos de contas com operações extraorçamentais obtém-se um total de receita de 1 463,0 milhões de euros.

Receitas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Receitas	2016	2017	2018
Receitas Correntes	818 481	848 154	904 288
Impostos diretos	191 425	206 957	204 366
Impostos indiretos	420 764	432 450	471 007
Contribuições Segurança Social	11 215	10 019	357
Taxas, multas, outras penalidades	8 078	7 797	9 458
Rendimentos de propriedade	4 347	9 192	9 140
Transferências	179 915	179 393	207 650
Outras receitas	2 737	2 346	2 310
Receitas de Capital	360 956	287 085	287 120
Venda de bens de investimento	1 096	1 584	1 537
Transferências	171 043	152 543	143 038
Ativos financeiros	127	852	1 536
Passivos financeiros (empréstimos pedidos)	188 500	132 000	141 000
Outras receitas de capital	190	107	9
Outras receitas/ Reposições não abatidas nos pagamentos.....	1 152	2 324	2 603
Saldo da gerência anterior	164	122	360
Sub-total	1 180 753	1 137 686	1 194 371
Contas de Ordem/ Operações extraorçamentais..	206 083	229 037	268 648
Total da Receita	1 386 836	1 366 723	1 463 019

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Saldos

Em 2018, o saldo corrente de 216,9 milhes de euros decorre da diferença entre as receitas de 904,3 milhes de euros e as despesas de 687,4 milhes de euros.

O saldo de operaes de capital de -216,7 milhes de euros, também inclui as operaes classificadas como investimentos de plano.

Desta forma, deduz-se um saldo global de 0,2 milhes de euros ao qual, agregando os juros e encargos do serviço da dvida de 15,4 milhes de euros, obtm-se um saldo primário de 15,6 milhes de euros.

Saldos – Conta da RAA

	Milhes de Euros		
	2016	2017	2018
Saldo Corrente	145,646	157,5	216,9
Saldo de Capital	-145,522	-157,2	-216,7
Saldo Global	0,124	0,3	0,2
Saldo Primário	14,795	15,9	15,6

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Dvida Pública Direta

A dvida Pública Direta da Região autónoma dos Açores correspondeu a 867,3 milhões de euros.

Por sua vez, o serviço da dvida no montante de 96,7 milhões de euros resulta de 81,3 milhões de euros de amortizações mais 15,4 milhões de euros de juros e outros encargos.

Dvida Pública Regional

	Mil Euros		
	2016	2017	2018
Dvida Pública Direta	573 001	632 608	867 270
Serviço da Dvida	153 613	88 030	96 675
Juros e outros encargos	14 670	15 637	15 417
Amortizações	138 943	72 393	81 258

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

6. AGRICULTURA

No ano de 2018 as produções de bens agrícolas foram mais favoráveis entre culturas permanentes do que entre culturas temporárias.

De facto, para além de maior estabilidade de áreas plantadas e de condições produtivas criadas que se reflectem nos respectivos níveis de produção, como é o caso do ananás, foi nas culturas permanentes como a da banana e da laranja que se registaram acréscimos de produção.

Já nas culturas temporárias, como milhos, batatas e tabaco, registaram-se volumes de produção menores. Todavia, assinala-se que, se as colheitas forem menores, também as respectivas áreas semeadas o foram na sua generalidade.

Produção das Principais Culturas, R.A.A.

	Superfície (ha)				Produção (ton)			
	2015	2016	2017	2018	2015	2016	2017	2018
Batata comum	593	596	446	436	11 778	14 731	11 323	7 320
Batata-doce.....	62	65	53	49	1 125	1 227	980	875
Milho Grão.....	242	211	183	167	424	417	366	352
Milho forrageiro	11 202	10 550	10 446	10 501	333 300	319 827	316 621	238 136
Tabaco	60	60	50	43	141	146	120	85
Chá	37	37	37	37	157	161	176	144
Ananás.....	58	59	56	56	1 052	998	948	948
Banana.....	292	292	283	287	5 680	4 919	4 657	5 053
Laranja.....	366	363	318	312	3 930	4 090	3 708	4 025
Maçã.....	56	56	59	57	396	356	414	402

Fonte: INE.

Dentro da estrutura tradicional da produção de vinhos açorianos, o volume de 9 090 hectolitros em 2018 continua a revelar um peso significativo.

Já a produção de 4 186 hectolitros de vinhos brancos vem confirmando, ou mesmo reforçando, a sua posição no contexto da produção vinícola portuguesa.

Produco de vinhos, R.A.A. - 2018

Unidade: hl

	Branco	Tinto*	Total
Licoroso com DOP	93	0	93
DOP - Denominao de Origem Protegida.....	3 351	3	3 354
IGP - Identificao Geográfica Protegida	329	1 722	2 051
Sem Indicao de Casta	413	7 365	7 778
Total.....	4 186	9 090	13 276

* Pode incluir vinhos tipo rosado.

Fonte: INE.

O leite recebido nas fábricas de laticínios durante o ano de 2018 atingiu o volume de 632,6 milhões de litros, o que representou um crescimento em relao ao ano anterior  taxa média de 3,5%.

O volume total de produo destinou-se a consumo público em natureza e ao fabrico de produtos lácteos. O leite para consumo em natureza atingiu 145,2 milhões de litros, prosseguindo numa linha de progressão que se vem revelando em anos mais recentes.

Já os diversos produtos lácteos somaram um total de 61,6 mil toneladas com um crescimento que se integra num padrão consolidado ao longo da evoluo tendencial das últimas décadas.

Produo e Transformao de Leite

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Leite recebido nas fábricas (1000 lt.)	535 417	547 576	565 951	536 074	579 155	610 097	603 021	611 342	632 614
Leite p/consumo (1000 lt)...	99 105	114 240	118 128	123 938	128 596	142 952	135 991	137 360	145 185
Produtos lácteos (ton.s)	53 827	53 816	56 218	51 735	56 408	58 935	58 466	59 373	61 596
Manteiga.....	8 070	8 764	9 869	8 835	10 023	11 509	11 854	11 400	12 087
Queijo.....	28 354	28 958	30 292	28 256	29 621	28 152	29 936	31 303	31 247
Leite em P.....	17 067	15 789	15 687	14 273	16 389	18 886	16 215	16 168	17 761
logurtes	336	306	371	371	375	387	461	504	501

Fonte: SREA.

O volume de carne produzida em 2018 nos Açores atingiu o total de 29,5 milhões de toneladas, representando um crescimento  taxa média de 6,8% em relao ao ano anterior.

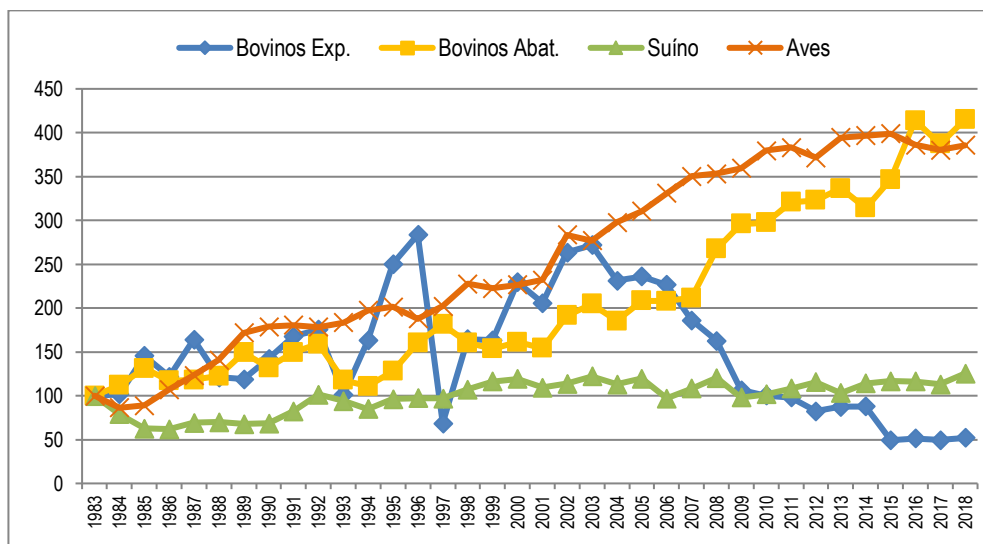
A carne de bovino, representando praticamente dois terços do volume total, condiciona de forma significativa a evoluo geral, nomeadamente

através do gado abatido na rede regional, já que o gado vivo saído da Região vem-se situando a um nível de apenas cerca de um décimo da produção.

As carnes de suínos e de aves repartem entre si a quota complementar de um terço da produção total, destinando-se basicamente ao abastecimento do mercado regional. Na evolução do consumo neste mercado tem-se verificado uma procura preferencial pela carne de aves que revela uma tendência, simultaneamente, mais linear e crescente.

Produção de Carne

Índice de Base 100=1983



Segundo o último IEAA – Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas do INE no ano de 2016, a Superfície Agrícola Útil – SAU ocupava 123 793 hectares e estava distribuída por 11 580 explorações.

Sendo assim, a superfície média por exploração correspondia a 10,7 hectares, traduzindo um acréscimo em termos de dimensão e situando-se a um nível superior ao de outras terras de minifúndio, mas sem atingir os 14,1 hectares do conjunto do país que, também revelou um acréscimo médio.

O Valor de Produção Bruto de 472 606 mil euros implicava um rácio por exploração de 41,0 milhares de euros, ultrapassando de forma expressiva os 19,9 milhares de euros para o conjunto do país.

Comparando agora os elementos da dimensão física, superfície agrícola, aos elementos de dimensão econmica, valor de produo, assinala-se o nível significativo de resultados e produtividade geral no contexto do país.

Dimensão das Exploraes

Classes	Exploraes (n)	SAU (ha)	SAU média por explorao (ha/expl.)	VPPT (10 ³ euros)	DE (10 ³ euros/expl.)
Portugal	258 983	3 641 691	14,1	5 144 213	19,9
Continente	235 774	3 513 006	14,9	4 584 374	19,4
Norte	95 879	653 134	6,8	1 122 815	11,7
Centro	87 044	584 904	6,7	1 217 146	14,0
Lisboa	5 458	77 636	14,2	288 640	52,9
Alentejo	35 666	2 100 762	58,9	1 719 736	48,2
Algarve	11 728	95 570	8,1	236 037	20,1
Açores	11 580	123 793	10,7	474 606	41,0
Madeira	11 628	4 893	0,4	85 233	7,3

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

Do total de 11 580 exploraes agrícolas, 7 466 especializaram-se na bovinicultura fazendo o maneio de 263 milhares de cabeças de gado.

Desta forma obtm-se uma média de 35,2 cabeças de gado por explorao, enquanto o encabeçamento, medido pelo mesmo rácio a nível do país, corresponde a 36,1 animais.

Indicadores das Exploraes de Bovinicultura

Classes	Exploraes (n)	Cabeças (10 ³ n)	Encabeamento (n cab./expl.)
Portugal	43 384	1 567	36,1
Norte	20 487	361	17,8
Centro	9 689	181	18,7
Lisboa	444	57	127,2
Alentejo	4 374	690	157,7
Algarve	257	8	29,8
Açores	7 466	263	35,2
Madeira	666	3	4,4

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

A populao agrícola familiar agregava 28 milhares de pessoas, das quais 4,3 milhares a trabalhar a tempo completo, 14,5 milhares a tempo parcial e 9,3 milhares sem atividade.

A populao agrícola continuou a diminuir, atingindo mais a que trabalha a tempo parcial ou então membros de família sem atividade.

Apesar da tendência de diminuio, a populao agrícola representava nos Açores 11,5% da populao residente, enquanto no país representava 6,1%.

As estruturas agrícolas nos Açores revelam uma componente familiar significativa, utilizando proporcionalmente menos assalariados que as estruturas de outras regiões.

Populao e mão-de-obra

NUTS II	Estimativas da populao residente (2016) (10 ³ n)	Populao agrícola familiar				Trabalhadores permanentes assalariados (n ind.)
		Total (n)	Sem atividade (n)	Tempo parcial (n)	Tempo completo (n)	
Portugal	10 294	627 825	100 355	454 049	73 422	77 041
Continente	9 796	564 670	85 125	412 193	67 352	71 015
Norte	3 577	242 479	37 992	169 466	35 021	21 041
Centro	2 244	213 519	23 937	170 215	19 268	14 132
Lisboa	2 818	11 753	2 946	6 555	2 252	3 685
Alentejo	715	71 583	16 903	46 186	8 493	28 062
Algarve	442	25 336	3 347	19 771	2 318	4 095
Açores	245	28 094	9 306	14 530	4 258	4 147
Madeira	254	35 061	5 924	27 325	1 812	1 879

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

As exploraes agrícolas nos Açores revelam através dos seus indicadores laborais uma dimensão média de 1,1 Unidades de Trabalho Ano (UTA) a par de resultados de eficiência significativos, seja em relao  Superfície Agrícola Utilizada (SAU), com 9,8 UTA/SAU, seja em relao a cabeças normais de bovinos, com 5,8 UTA/CN.

O nível de produtividade de 39,0 mil euros por UTA continua a evidenciar-se por representar o valor máximo no contexto das regiões em Portugal.

Indicadores Laborais

	UTA	UTA média por explorao (UTA/expl.)	VPPT médio por UTA (10 ³ euros/UTA)	UTA média por SAU (UTA/100 ha)	UTA média por CN (UTA/100 CN)
Portugal	318 292	1,2	16,2	8,7	14,3
Norte	129 193	1,3	8,7	19,8	33,8
Centro	91 216	1,0	13,3	15,6	14,7
Lisboa	9 335	1,7	30,9	12,0	10,9
Alentejo	52 455	1,5	32,8	2,5	5,9
Algarve	13 117	1,1	18,0	13,7	69,5
Açores	12 183	1,1	39,0	9,8	5,8
Madeira	10 793	0,9	7,9	220,6	123,8

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

7. PESCAS

Durante o ano de 2018, o volume de pescado descarregado nos portos voltou a registar um acréscimo, que decorreu da espécie de tunídeos. Aquele volume total descarregado ultrapassou sete milhares de toneladas enquanto nas safras de anos anteriores mais próximos se situara numa média de dois milhares de toneladas.

O acréscimo de volume contribuiu de forma evidente para a respetiva receita gerada em lota, mas apenas em termos de valor absoluto, tendo-se verificado, simultaneamente, um decréscimo de preço médio.

Já as outras espécies voltaram a registar variações economicamente mais favoráveis continuando a revelar acréscimos de receita decorrentes do seu valor médio.

Pescado Descarregado nos Portos de Pesca

	2014	2015	2016	2017	2018
Volume (tons)					
Total	9 100	8 179	5 745	6 890	12 065
Tunídeos.....	3 194	2 516	1 021	2 008	7 302
Restante pescado ...	5 906	5 663	4 724	4 882	4 763
Valor (mil euros)					
Total	27 531	28 031	25 875	29 477	37 965
Tunídeos.....	7 304	4 771	1 997	4 072	12 115
Restante pescado ...	20 227	23 260	23 878	25 405	25 850
Preço (euros/kg)					
Total	3,03	3,43	4,50	4,28	3,15
Tunídeos.....	2,29	1,90	1,96	2,03	1,66
Restante pescado ...	3,42	4,11	5,05	5,20	5,43

Fonte: SREA.

A espécie de imperador tem-se destacado pela valorização crescente nos últimos anos, entre as espécies com preços médios mais elevados, tendo atingido 21,8 €/kg em 2018.

Todavia as espécies de goraz e de lulas continuam a destacar-se pela quota atingida nas vendas em lota, ultrapassando o patamar de 4 milhões de euros.

O chicharro continua a evidenciar-se pelo volume, atingindo cerca de 800 toneladas, enquanto o seu preço médio situou-se em apenas 1,8 €/kg.

Principais Espécies Descarregadas, 2018

	Toneladas	Mil Euros	Euro/Kg
Abrótea	83	514	6,2
Boca Negra	283	1 774	6,3
Cherne	89	1 477	16,5
Chicharro	809	1 433	1,8
Goraz.....	254	4 361	17,9
Imperador.....	50	1 088	21,8
Lula.....	547	4 887	8,9
Mero	23	221	9,6
Pargo	81	904	11,1
Peixão.....	192	2 088	10,9

Fonte: SREA.

A composição e preço de mercado das principais espécies descarregadas nos portos de pesca da Região Autónoma dos Açores elevam a representatividade no contexto da economia portuguesa a um nível significativo.

Nos dados do quadro abaixo verifica-se que a quota de volume atingiu 9,2% do total do país e por efeito do preço de mercado se alargou até 13,0% do valor a nível do país.

Principais Categorias de Espécies Descarregadas, 2018

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	Tons	Mil euros	Tons	Mil euros	Tons	Euros
Peixes marinhos	11 204	32 280	107 996	191 107	10,4	16,9
Crustáceos.....	26	365	1 393	15 582	1,9	2,3
Moluscos.....	594	5 314	18 707	83 028	3,2	6,4
Água doce e outros	4	7	343	1 999	1,2	0,3
Total	11 828	37 965	128 438	291 715	9,2	13,0

Fonte: INE.

A frota de pesca açoriana mostra-se dotada de embarcaes dimensionadas para o tipo de fainas operacionais mais frequentes e equipada com níveis de potência significativos.

Observando os dados verifica-se que ao número de embarcaes, que representa 14,3% do total do país, corresponde uma capacidade de arqueao bruta menor, de 11,5%, mas com uma potência de motorizao maior, de 15,6%.

Embarcaes, 2018

	Açores	Portugal	Açores / Portugal (%)
Número	565	3 944	14,3
Arqueao bruta	8 271	71 909	11,5
Potência (Kw).....	43 316	277 626	15,6

Fonte: INE.

Os dados sobre licenças por arte de pesca continuam a revelar o predomínio na de anzol, em contraposio à de arrasto.

De facto, se na de anzol foi atingida a quantidade de 1 360 licenças, já a de arrasto foi nula.

Licenças por Arte de Pesca, 2018

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Anzol	1 360	10 119	13,6
Armadilhas.....	96	2 659	3,6
Arrasto	0	779	0,0
Cerco.....	154	354	43,5
Redes.....	66	5 370	1,2
Outras artes	644	1 096	58,8
Total.....	2 320	20 377	11,4

Fonte: INE.

As inscries de pescadores são concedidas segundo três grandes categorias, consoante a distância mais ou menos significativa que alcança desde terra, a saber: local, costeira e largo.

Os dados sobre inscrições de pescadores junto das respectivas instituições marítimas mostram maior frequência nas categorias relativas a áreas de pesca mais próximas e, conseqüentemente, com viagens de menos horas até aos portos.

Pescadores, 2018

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	2017	2018	2017	2018	2017	2018
Local	1 935	0	6 412	4 440	30,2	0
Costeiro	1 510	1 529	9 132	9 667	16,5	15,8
Largo	32	0	435	401	7,4	0
Total	3 477	1 529	15 979	14 508	21,8	10,5

Fonte: INE.

Os indicadores de sinistralidade e de dias de incapacidade correspondem a características decorrentes de riscos associados a actividades marítimas.

Os dados empíricos mais concretos evidenciam a variabilidade e instabilidade de factores marítimos.

Sinistralidade e Dias de Incapacidade, 2018

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	2017	2018	2017	2018	2017	2018
Mortos	0	3	3	7	0,0	42,9
Feridos.....	52	62	852	842	6,1	7,4
Dias de incapacidade ...	2 372	2 616	26 821	27 766	8,8	9,4

Fonte: INE.

8. ENERGIA

Eletricidade

A procura agregada dos consumos pelas famílias, empresas e entidades públicas atingiu um volume total de 744,36 GWh, correspondendo a um crescimento à taxa média de 1,3% durante o ano de 2018.

Já a oferta de produção de 794,7 GWh no mesmo período corresponde a um decréscimo à taxa média de 1,0%.

Consequentemente, verificou-se uma maior eficiência do sistema electroprodutor, na medida em que se reduziram as perdas nas redes de distribuição, tendo sido possível aos consumidores acederem a mais energia a partir de menores volumes de emissão de energia a sair dos centros produtores. De facto, os 50,4 GWh de perdas nas redes de distribuição correspondem apenas a 6,4% do total de produção, valor significativamente inferior aos níveis de 8% a 9% que se têm registado com maior frequência em anos anteriores.

Eletricidade – Balanço

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Produção.....	840,0	804,6	792,5	788,9	791,3	800,8	802,9	794,7
Perdas	69,2	73,3	72,8	70,5	69,6	68,7	68,3	50,4
Consumo	770,8	731,3	719,7	718,4	721,7	732,1	734,6	744,3

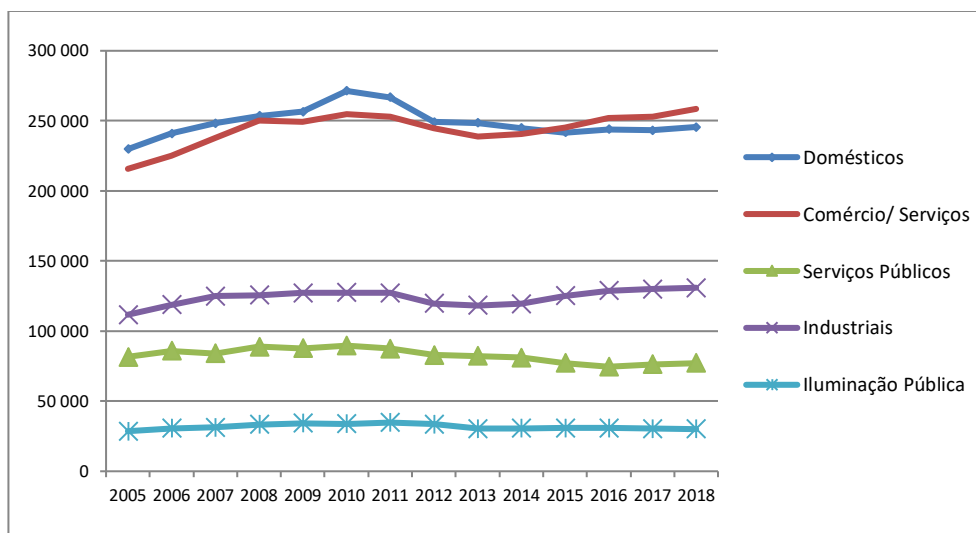
Fonte: EDA.

O crescimento da procura de electricidade decorreu sobretudo do segmento de comércio e serviços, que cresceu à taxa média de 2,2% e atingiu o volume de 258,6 GWhs.

Já o segmento de consumos domésticos cresceu à taxa média de 0,9%, implicando que o volume de 245,5 GWhs corresponda em termos de dimensão à segunda grande componente, mas se insira numa linha de tendência de perda de representatividade.

A terceira grande componente, a de consumos industriais, registou 130,9 GWhs, situando-se aparentemente numa certa fase de recuperação depois do valor mínimo registado em 2013.

Consumo de Eletricidade
(Volume, 1000 KWhs)



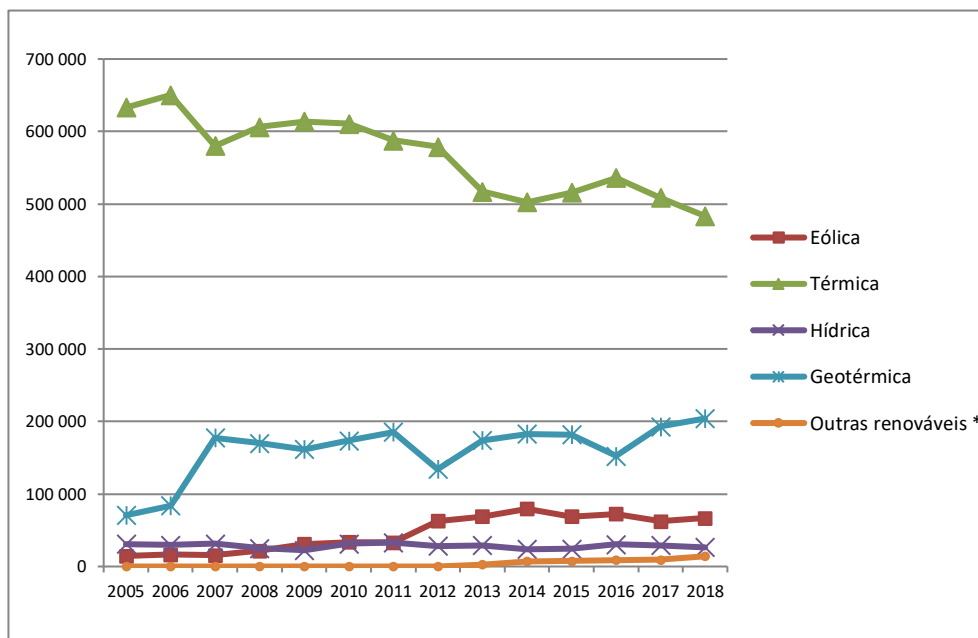
No âmbito da oferta de produção emitida pelo sistema electroprodutor continua a destacar-se a mudança na composição entre as diversas fontes de geração de energia.

Efetivamente, durante o ano de 2018, registaram-se acréscimos de fontes de energias renováveis, em substituição de fontes de energia térmica, inserindo-se em linhas de tendência dos últimos anos.

A evolução de energias renováveis abrange os diversos tipos de fontes alternativas, mas destaca-se o caso da eólica e, principalmente, o de geotérmica.

Produco de Eletricidade

(Volume, 1000 KWh)



Observando a distribuico sobre energia eléctrica entre as diversas ilhas, verifica-se que as maiores diferenças são mais expressivas em variáveis de produo do que de consumo.

Para além das diferenças resultantes da diferença de dimensão das ilhas, destaca-se a composico segundo as fontes de emissão de electricidade. A geotermia vem ocupando posio significativa em São Miguel e, também, Terceira, enquanto nas Flores é a fonte de energia hídrica que se evidencia na produo renovável. A fonte de energia térmica ocupa posio de maior relevo nas ilhas com fontes de energia renovável menos diversificadas.

No consumo de eletricidade também se verificam as inevitáveis diferenças de dimensão entre ilhas, mas o padrão de consumo médio mostra uma variabilidade mais reduzida, revelando mesmo sinais de uma certa tendência de uniformizao.

Distribuição por Ilhas - 2018

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	RAA
Produção total (GWh)	20,6	436,9	190,8	13,4	28,9	44,9	46,3	11,4	1,5	794,7
Produção renovável (%) ...	13,8	51,4	33,5	3,1	10,5	11,4	12,9	46,3	0,0	39,2
Consumidores (nº de instalações)	3 853	63 891	27 514	3 270	5 877	9 830	8 145	2 475	285	125 140
Consumo médio (MWh / nº instalações)	5,9	5,1	6,4	6,4	3,9	4,6	4,2	5,4	4,4	5,1

Fonte: EDA.

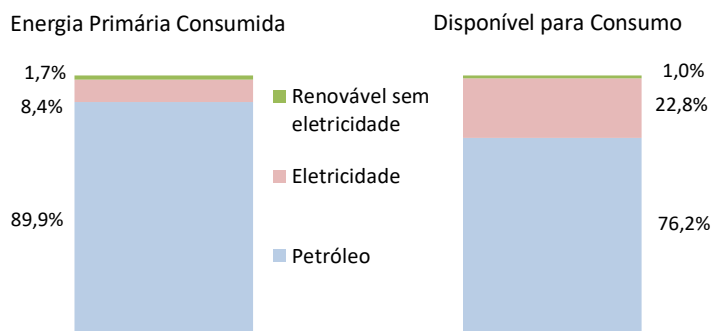
Balanço Energético

O volume de 364,1 mil teps de energia primária corresponde ao total calculado pela Direção Geral de Energia e Geologia para o ano de 2017 nos Açores.

Na energia primária consumida, conforme se verifica no gráfico abaixo sobre o balanço energético, os combustíveis fósseis (petróleo e derivados) representaram 89,9% do total. Já as energias primárias renováveis na forma de electricidade ou, então, nas outras formas que não a de electricidade representaram, respectivamente, 8,4% e 1,7%.

Na energia disponível para consumo destaca-se a maior proporção de electricidade decorrente da inclusão do sistema electroprodutor.

Balanço Energético – Oferta - 2017



Na procura de energia o sector de transportes ocupou uma quota de cerca de metade, de 53,1%, sendo satisfeita através de produtos petrolíferos.

Já a procura de energia pelo sector doméstico  abastecida basicamente por duas fontes, a saber: petróleo e electricidade, cabendo a cada uma, respectivamente 41,7% e 51,6%.

A procura pelo sector de serviços  comparável  do sector doméstico em termos da sua quota no total, de aproximadamente 14%. Todavia, o seu abastecimento está mais concentrado na forma de electricidade, que atingiu 79,3%.

A procura pelos outros sectores continua a mostrar um predomínio de abastecimento através de produtos petrolíferos.

Balanço Energético – Procura - 2017
Consumo Final de Energia

Unidade: %

Quota de Procura	Sectores	Distribuio por fontes			
		Petróleo	Electricidade	Outras	Total Geral
51,3	Transportes	100,0	0,0	0,0	100,0
14,0	Doméstico	41,7	51,6	6,7	100,0
13,5	Serviços.....	20,7	79,3	0,0	100,0
9,6	Indústrias.....	65,6	34,4	0,0	100,0
2,5	Construo e O.P.	79,7	20,3	0,0	100,0
6,6	Agricultura	92,6	7,3	0,1	100,0
1,5	Pescas.....	89,3	10,7	0,0	100,0
100,0	Total.....	76,2	22,8	1,0	100,0

Fonte: Direco Geral de Energia e Geologia.

9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

As trocas de mercadorias no âmbito do comércio internacional registaram um valor total de 266,9 milhões de euros durante o ano de 2018.

As exportações geraram receitas no valor de 89,8 milhões de euros que, em relação às respectivas despesas com importações, representam uma cobertura à taxa média de 50,7%.

Comércio Internacional de Mercadorias

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Importações	203 999	190 982	136 522	135 726	143 654	180 474	177 139
Exportações	109 670	124 443	95 368	104 120	84 116	88 149	89 790
Total	313 668	315 426	231 890	235 984	227 770	268 583	266 929
Taxa de Cobertura (%)	53,8	65,2	69,9	76,7	58,6	48,9	50,7

1 000 Euros

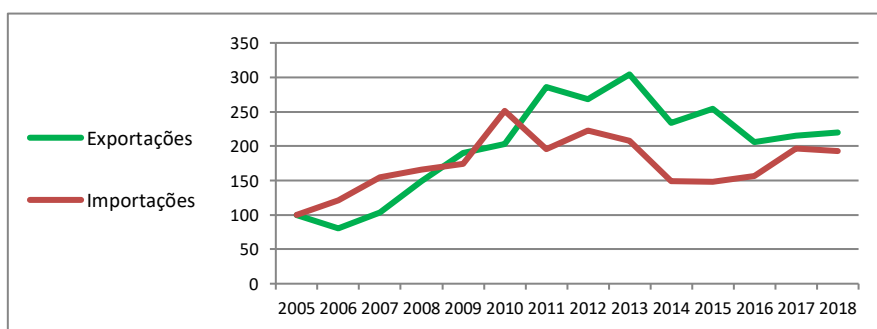
Fonte: INE, Base de dados: definitivos até 2015 e provisórios para 2016.

Esta taxa de cobertura representa uma ligeira melhoria em relação à do ano anterior devido à evolução simultânea, de exportações e importações.

Conforme se pode observar no gráfico abaixo, que representa um índice com evolução a preços correntes desde o ano de 2005, efectivamente, em 2018 as receitas com exportações cresceram, ao passo que as despesas com importações decresceram.

Importações e Exportações a preços correntes

Índice base 2005=100



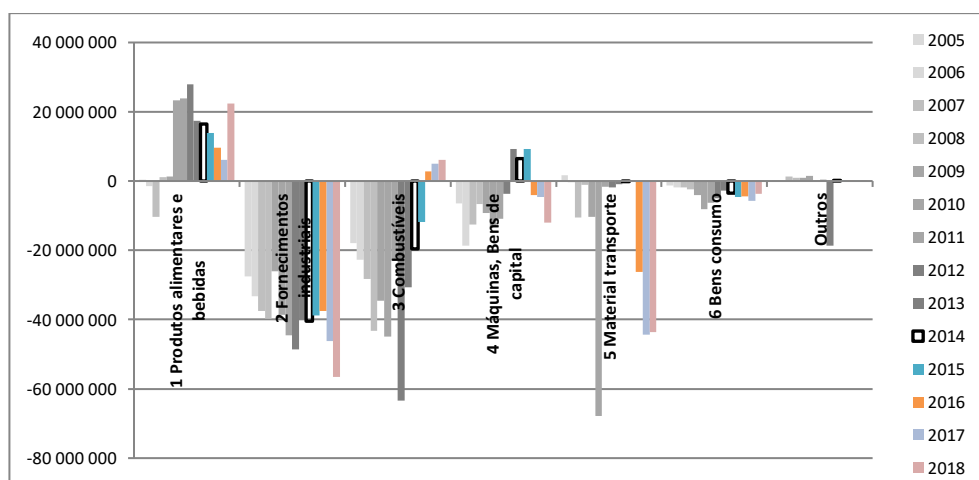
Observando a estrutura das trocas comerciais segundo as grandes categorias destacam-se algumas pela dimensão e pela representatividade que ocupam em termos de especialização das actividades económicas, como é o caso de produtos alimentares e bebidas, de fornecimentos industriais e de combustíveis.

A categoria de produtos alimentares atinge cerca de 80% das exportações e gera excedentes em relação a bens de importação na mesma categoria, fazendo desta forma parte da base económica de exportação regional.

Já a categoria de fornecimentos industriais associam-se de forma expressiva a importações de bens na lógica de projectos de investimento.

Combustíveis integram-se em funções de abastecimento com valores mais variáveis por efeitos decorrentes de quantidades e de preços conforme ciclos de mercado e de conjuntura.

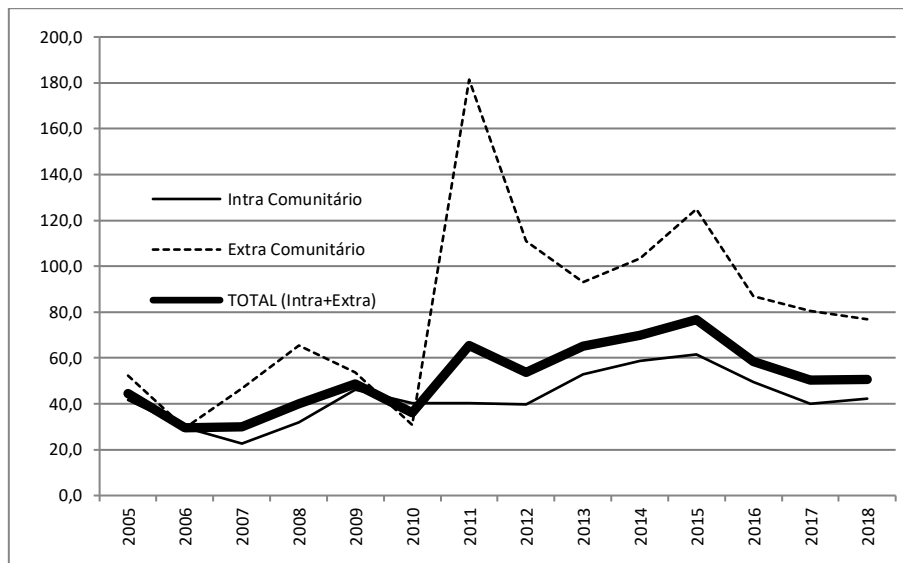
Comércio Internacional, saldos por grandes categorias



Observando as trocas comerciais com mercados estrangeiros segundo grandes espaços, intra e extra-comunitário, continua a verificar-se que o primeiro, representando cerca de 2/3 do total, condiciona de forma significativa a evolução geral.

Todavia, os maiores níveis de cobertura das importações pelas exportações registam-se nas trocas com países que não pertencem à União Europeia, onde se destacam particularmente certos países de língua oficial portuguesa e também outros com núcleos de emigração significativa.

Taxas de cobertura, por grandes espaços



10. TURISMO

A procura turística dirigida aos estabelecimentos de hotelaria manteve uma variação positiva durante o último ano.

De facto, em 2018, o total de 1 851 milhares de dormidas representa um acréscimo à taxa média anual de 0,6% em relação ao ano anterior, e o total de 11 373 camas de capacidade dos estabelecimentos de hotelaria inquiridos representa um acréscimo de 3,9% no mesmo período.

Sendo assim, a atividade turística prosseguiu uma trajetória global positiva em termos de crescimentos observados através dos principais indicadores de procura e de oferta da hotelaria. Todavia, devido a diferenças de intensidade a taxa de ocupação foi ligeiramente menor que no ano anterior, situando-se em 44,6%, enquanto no ano anterior atingira 46,1%.

Oferta e Procura na Hotelaria

Ano	Capacidade (1)			Dormidas			Taxa de Ocupação
	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Total	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Total	
2007	8 153	609	8 762	1 184 375	19 679	1 204 054	37,5
2008	8 339	721	9 060	1 127 513	18 541	1 146 054	34,6
2009	8 566	820	9 384	1 004 804	20 603	1 025 407	30,1
2010	8 305	844	9 149	1 035 031	24 831	1 059 862	31,7
2011	8 465	822	9 287	1 033 525	23 049	1 056 574	30,9
2012	8 368	845	9 213	957 740	28 883	983 623	29,0
2013	8 267	943	9 210	1 054 112	36 639	1 090 751	32,1
2014	8 435	910	9 345	1 063 887	39 756	1 103 643	32,0
2015	8 687	905	9 592	1 272 430	46 790	1 319 220	37,0
2016	9 306	912	10 218	1 543 595	51 361	1 594 956	42,8
2017	9 909	1 034	10 943	1 787 468	53 734	1 841 202	46,1
2018	10 269	1 104	11.373	1 789 349	62 130	1 851 479	44,6

(1) Média anual da oferta mensal de camas.

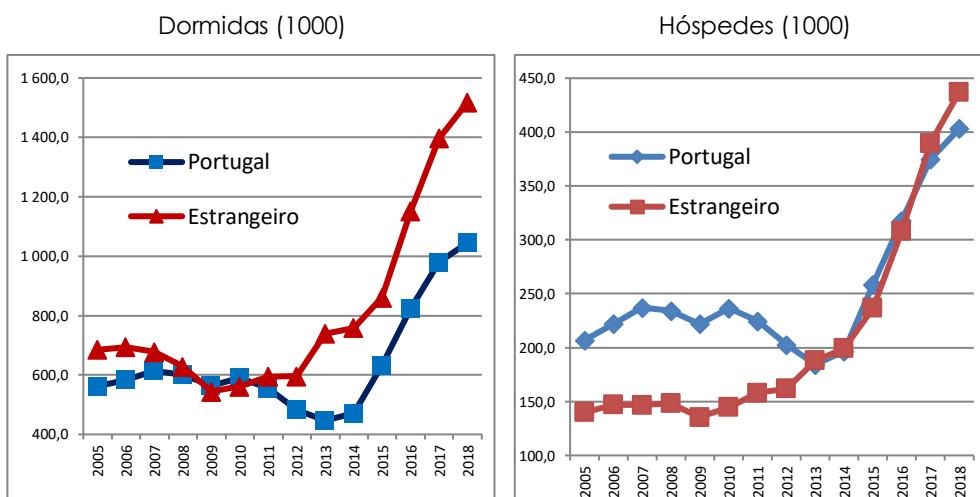
Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Apesar de algumas diferenças de intensidade em termos de variação anual e de conjuntura, os dados globais da procura inserem-se na tendência que se vem delineando basicamente a partir da retoma da economia portuguesa desde 2013, como é visível no gráfico que mostra a evolução do número de hóspedes.

Entretanto, devido à maior estada média por parte de residentes no estrangeiro o volume total de dormidas é proporcionalmente superior.

Uma certa desaceleração observável em 2018 foi mais nítida por parte de residentes em Portugal.

Procura – Principais Mercados
segundo a residência / nacionalidade

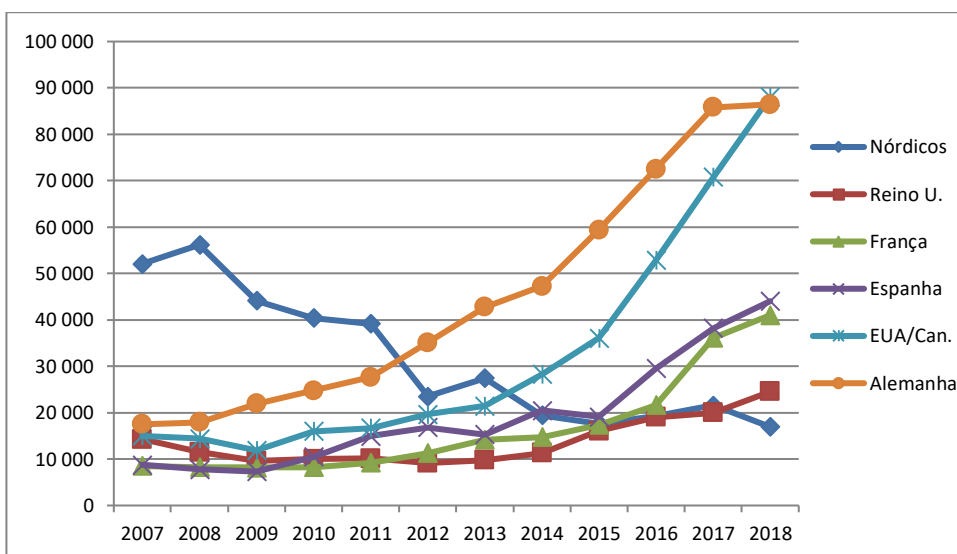


Desagregando a procura segundo os mercados estrangeiros emissores observam-se variações positivas a longo de 2018 na generalidade dos respetivos países.

De facto, nos seis mercados de países representados no gráfico abaixo, apenas no de países nórdicos se registou um decréscimo.

Nos outros cinco mercados verificaram-se acréscimos, destacando-se o que abrange os países de EUA e do Canadá, pela intensidade atingida.

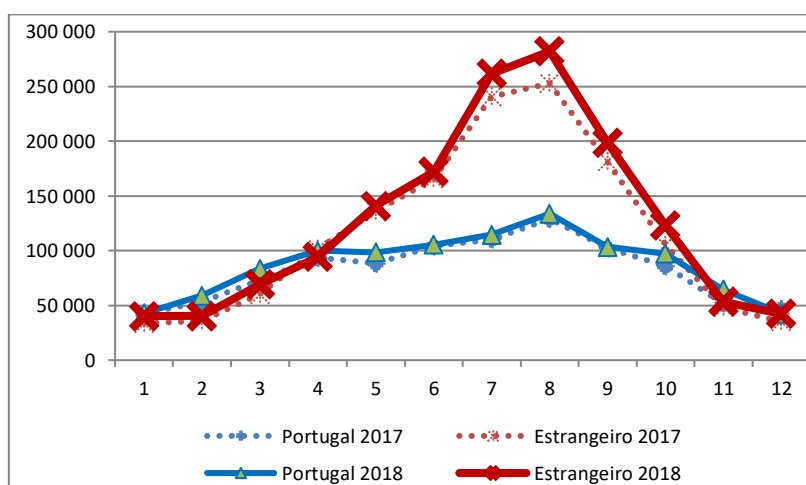
Hóspedes segundo mercados estrangeiros emissores



Analisando a sazonalidade através das distribuições de dormidas ao longo do período anual, continua a verificar-se a concentração de procura em meses da época alta, com máximos no mês de agosto e por parte da procura por hóspedes residentes no estrangeiro.

Aliás, a sazonalidade de residentes no estrangeiro, além de já ser mais elevado, acentuou-se em 2018, já que o crescimento nos meses da época alta foi proporcionalmente mais intenso.

Evolução da Sazonalidade



Os dados de exploração hoteleira revelam crescimentos significativos durante o ano de 2018. Crescimentos de receitas também com efeitos em termos de distribuição de rendimento através das despesas com pessoal.

A importância do crescimento pode medir-se em relação a dois critérios básicos, o da procura efetiva e ao dos preços no mesmo ano.

Receitas e, também, despesas com pessoal a crescerem a taxas superiores a 10%, enquanto a respetiva procura de dormidas cresceu apenas 0,6%, como vimos no início, só podem decorrer de uma variação significativa nos preços por noite de estada nos estabelecimentos hoteleiros.

Por sua vez, com a inflação em níveis mínimas, 0,57% no mesmo ano, a variação de preços por noite fica a corresponder grosso modo a uma variação económica em termos reais.

Exploração das unidades hoteleiras

Unidade: 1 000 euros

Anos	Receitas totais	Receitas de aposentos	Despesas com pessoal
2007	56 115,1	39 320,7	18 957,3
2008	56 266,0	39 639,0	20 206,0
2009	50 578,2	36 621,5	20 349,1
2010	50 389,2	36 772,9	18 137,0
2011	48 242,9	35 104,9	19 028,8
2012	43 445,1	31 821,3	17 143,8
2013	46 450,0	34 321,7	16 684,7
2014*	46 215,6	34 294,1	17 258,7
2015*	55 997,4	41 844,8	19 994,8
2016*	72 563,7	53 507,8	23 742
2017*	89 946,7	65 747,7	28 110,0
2018*	96 976,9	72 954,3	31 342,4

* Neste ano não são incluídos dados sobre casas de hóspedes
 Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

A distribuição de variáveis descritas nos parágrafos anteriores, mas apreciadas agora num quadro da oferta desagregada segundo a categoria de hotelaria tradicional e a de turismo em espaço rural, apontam no sentido da manutenção de diferenças estruturais observáveis nos últimos anos.

Entretanto em 2018,  possível observar uma certa progressão ou crescimento preferencial pelo turismo em espaço rural, através de investimentos em estabelecimentos, capacidade de alojamento e pessoal com efeitos em termos de respostas por parte de hóspedes e respetivas dormidas.

Dados de síntese e estruturas

Distribuio de variáveis em 2018, por tipologia e em percentagem

Variáveis	Hoteleria Tradicional	Turismo em Espaço Rural	Total
Estabelecimentos	53,0	47,0	100
Capacidade de alojamento	92,0	8,0	100
Pessoal ao serviço	95,1	4,9	100
Hóspedes	97,2	2,8	100
Dormidas (total)	96,6	3,4	100
Dormidas (resid. estrangeiro)	95,1	4,9	100
Dormidas (poca baixa *)	98,5	1,5	100
Proveitos totais	97,5	2,5	100
Proveitos de aposento	96,7	3,3	100
Despesas com pessoal	98,5	1,5	100

* Para efeitos de cálculo consideraram-se o 1.º e o 4.º trimestres.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

11. TRANSPORTES

Os números sobre passageiros transportados nas carreiras urbanas e inter-urbanas revelaram decréscimos em 2018, que se traduziram em taxas médias proporcionalmente mais acentuadas do que as dos últimos anos.

As variações de intensidade abrangeram os dois tipos de carreiras dos transportes coletivos terrestres, mas verificaram-se de forma mais evidente nas carreiras inter-urbanas.

Atendendo à representatividade que as inter-urbanas atingem, a sua variação média anual condicionou de forma significativa a variação geral.

Tráfego de Passageiros nos Transportes Coletivos Terrestres

1000 Passageiros.

Carreiras		2013	2014	2015	2016	2017	2018
Interurbana	Passageiros	7 623	7 297	7 338	7 349	7.486,2	6.603,4
	Passageiros - km	85 460	79 838	81 293	81 561	78 180,0	71 561,0
Urbana	Passageiros	1 478	1 429	1 379	1 325	1 263,0	1 210,0
	Passageiros - km	9 082	8 349	7 934	7 564	7 249,0	7 004,0

Fonte: SREA.

O volume total de passageiros movimentados nos portos (embarques + desembarques) representa um decréscimo em relação ao ano anterior.

Esta variação decorreu dos movimentos na rede de portos comerciais, abrangendo o caso mais particular do tráfego nos portos do canal.

A quota de tráfego no canal continuou a representar cerca de 42,1% do total.

Movimento de Passageiros nos Portos Comerciais

Taxas médias de variações anuais

	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Rede Portos Comerciais	926 868	968 116	1 034 914	1 121 930	1 172 146	1 119 006
Canal	676 966	702 600	764 798	825 056	843 632	814 592
Total (Rede + Canal)	1 603 834	1 670 716	1 799 712	1 946 986	2 015 778	1 933 598
% Canal/Rede	73,0	72,6	73,9	73,5	72,0	72,8
% Canal/total.....	42,2	42,1	42,5	42,4	41,9	42,1

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

O total de 3 250 milhares de passageiros embarcados e desembarcados nos aeroportos, corresponde a um crescimento à taxa média de 3,2% durante o ano de 2018, enquanto nos anos anteriores vinha registando taxas médias maiores, aos níveis de dois dígitos.

Para esta evolução contribuiu o decréscimo registado no tráfego internacional.

O tráfego territorial também desacelerou, mas voltou a repetir a posição atingida no ano anterior de segmento com maior volume de tráfego, superando o tráfego iner-ilhas.

Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

Passageiros Embarcados + Desembarcados

	Inter-ilhas	Territoriais	Internacionais	Total
2013	837 717	637 036	241 918	1 716 671
2014	887 185	674 317	257 266	1 818 768
2015	1 005 276	939 954	260 195	2 205 425
2016	1 183 665	1 148 202	315 072	2 646 939
2017	1 292 064	1 449 032	393 957	3 135 053
2018	1 370 587	1 495 266	384 786	3 250 639

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

As cargas movimentadas nos portos comerciais prosseguiram em 2018 dentro da trajetória de crescimento observável nos últimos anos, registando um crescimento à taxa média de 4,6%, que implicou um volume total de 24 794 mil toneladas.

Já as cargas movimentadas nos aeroportos mantiveram o volume de 8,7 mil toneladas do ano anterior.

Cargas Movimentadas

	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Aeroportos...	7,9	8,3	8,6	8,9	8,7	8,7
Portos.....	2 168,8	2 084,0	2 129,9	2 327,4	2 370,8	2 479,4
Total	2 176,7	2 092,3	2 139,8	2 336,3	2 379,5	2 488,1

1 000 Ton.

Fonte: SREA.

Durante o ano de 2018 venderam-se 4 782 automóveis novos, o que representa um crescimento à taxa média anual de 9,9%.

Os automóveis ligeiros de passageiros continuaram a representar o segmento mais expressivo, mas foi no segmento de automóveis comerciais que se registou o crescimento proporcionalmente mais expressivo.

Automóveis Novos Vendidos, por Tipo e por Ano

	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total	2 113	2 410	3 095	4 093	4 350	4 782
Automóveis Ligeiros	1 768	2 003	2 558	3 387	3 636	3 938
Passageiros	1 758	2 001	2 554	3 384	3 632	3 937
Mistos.....	10	2	4	3	4	1
Automóveis Comercias..	345	407	537	706	714	844

Unid.: N

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

12. EDUCAO

No ano lectivo de 2017/18, o número de matrículas nas escolas da Região Autnoma dos Açores, nos ciclos de ensino regular e nas outras diversas modalidades complementares de ensino, correspondeu a um total de 45 205 alunos. Este número de alunos traduz um novo decréscimo absoluto, em relao ao ano anterior na ordem de 1 300 alunos. Esta variao decorre principalmente da componente de alunos no ensino regular, atendendo que estes representam mais de 80% do total de matrículas.

Depois de a populao em idade escolar ter começado a reduzir-se, por efeito da natalidade decrescente, e a fazer-se sentir nos anos iniciais de entrada no sistema educativo, foi-se estendendo sucessivamente aos anos seguintes, envolvendo também o ensino secundário.

Matrículas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade

Ensino Oficial e Particular

Unid.: N

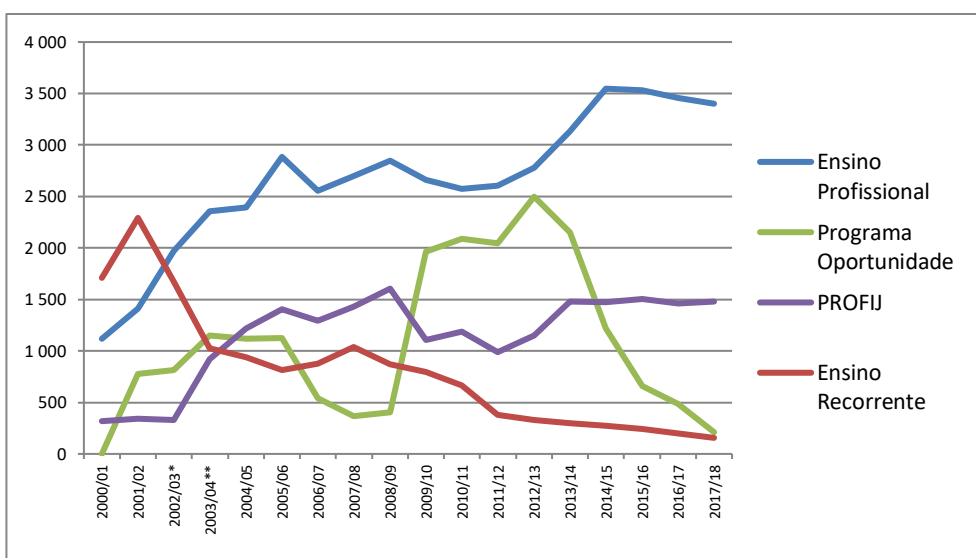
Anos Letivos	Ensino Regular						Outras modalidades de ensino						TOTAL
	Creche	JI	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário	Ensino Recorrente	Programa Oportunidade	PROFIJ	Ensino Profissional	Outros	PEREE	
2014/15	1 468	7 539	11 811	6 053	8 276	5 456	272	1 217	1 472	3 547	768	760	48 639
2015/16	1 641	7 341	11 477	5 737	8 146	5 335	241	661	1 506	3 531	982	1 002	47 600
2016/17	1 571	7 166	11 089	5 402	7 829	5 228	201	484	1 461	3 456	1 121	1 508	46 516
2017/18	1 503	6 712	11 005	5 329	7 857	4 933	156	214	1 482	3 402	1 098	1 514	45 205

Fonte: Direo Regional da Educao.

Para além de matrículas no ensino regular, outras modalidades de ensino foram sendo introduzidas no sentido de procurar responder a necessidades de mercado em termos de empregabilidade e, também, a condio de evoluo do próprio sistema de ensino.

As modalidades do PROFIJ e do ensino profissional vêm revelando trajetórias de evolução com maior regularidade, situando-se presentemente em patamares próximos de 1 500 e de 3 500 matrículas, respectivamente.

Outras Modalidades de Ensino
por ano letivo



Os níveis de escolarização, medidos pelo número de matrículas em relação à respectiva população em idade escolar, mostram um núcleo central de acesso generalizado, de 100%, a grupos etários mais associáveis aos da escolaridade obrigatória.

A partir dos últimos escalões a taxa de escolarização começa a perder significado com as progressões para o ensino superior ou, então, as transições para o mercado de trabalho. Todavia, mesmo nos escalões de 18 e de 19 anos registaram-se acréscimos significativos, atingindo níveis superiores a qualquer máximo já registado anteriormente.

Nos escalões mais jovens notam-se progressões relativamente acentuadas e que têm vindo a ocupar as margens ainda disponíveis para crescer.

Taxas de Escolarização por Idades e Anos Letivos

Ensino Oficial e Particular

IDADES	%							
	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18
3 anos	64,4	65,6	68,1	66,8	66,9	70,4	73,8	74,2
4 anos	88,7	89,2	91,0	90,2	92,5	88,3	89,6	96,9
5 anos	97,5	97,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
6 anos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
7 anos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
8 anos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
9 anos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 anos ..	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
11 anos ..	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
12 anos ..	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
13 anos ..	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
14 anos ..	100,0	100,0	99,5	99,0	100,0	100,0	98,4	99,0
15 anos ..	100,0	97,8	95,5	99,9	99,5	98,3	99,1	96,5
16 anos ..	92,8	92,4	92,9	97,2	100,0	96,8	96,7	98,8
17 anos ..	78,5	79,6	81,3	93,5	95,4	95,1	89,8	92,8
18 anos ..	46,9	48,8	49,3	51,6	56,5	56,2	54,9	60,9
19 anos ..	24,9	26,7	27,7	28,4	28,5	29,9	29,2	32,6

Fonte: Direção Regional da Educação.

Medindo o aproveitamento escolar pelas taxas de transição ou de conclusão de ano de escolaridade por ciclo, observa-se que tem vindo a registar-se progressões em diversos ciclos.

Alguns ciclos atingem taxas de aproveitamento superiores a 90%.

Todavia, as do 12º ano situam-se a um nível significativamente inferior, e, depois de um máximo de 76,2% em 2016/17, registaram apenas 70,2% em 2017/18.

Aproveitamento Escolar, por Ano de Escolaridade (a)**Taxas de Transio ou de Conclusão**

Ensino Oficial e Particular – Currículo Regular

Ano de Escolaridade	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18
4º	80,8	86,9	87,5	91,9	93,6	94,2
6º	80,1	80,6	87,1	90,2	93,6	92,8
9º	72,1	76,9	81,2	85,9	90,3	90,6
12º	60,6	60,4	63,2	67,3	76,2	70,2

%

a) Consideraram-se como representativos os anos terminais de cada ciclo do ensino básico e secundário.

Fonte: Direo Regional da Educao - Estatísticas da Educao.

A oferta do sistema de ensino oficial da Região Autónoma dos Açores corresponde a 40 unidades orgánicas, 168 edifcios escolares, 2 943 espaços escolares (salas, laboratrios, ginsios, etc.) e 5 660 professores.

A organizao territorial do sistema de ensino e respectiva distribuo pelo arquipélago decorre de factores relativos  dimensão da procura escolar e  localizao em funo de acessibilidades dentro de cada ilha e, também, inter-ilhas.

Quanto s unidades orgánicas e enquadramento de meios e recursos escolares verificam-se distribues e ajustamentos em funo da perenidade ou tempo de vida útil de equipamentos e de dinámicas de recursos mais variáveis.

Distribuo por ilhas

Ensino Oficial – 2017/2018

Unid.: Nº

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Unidades orgánicas ..	1	21	7	1	3	3	2	1	1	40
Edifcios Escolares	6	86	35	5	9	12	11	3	1	168
Espaos Escolares*	77	1 568	710	72	113	168	165	58	12	2.943
Pessoal docente	133	3 317	1 200	88	204	316	292	90	20	5 660

* Dados ainda relativos ao ano de 2014/2015.

Fonte: Direo Regional de Educao.

13. DESPORTO

No ano de 2018, inscreveram-se nas associações desportivas 22 557 atletas, o que corresponde a um decréscimo à taxa média de 3,7% em relação ao ano anterior.

Por outro lado, registou-se um acréscimo no número de dirigentes e, também no de outros agentes equiparáveis e de árbitros/juízes.

Sendo assim, pode concluir-se por uma melhoria em termos de índices de enquadramento da prática das diversas modalidades.

A redução do número de técnicos também poderia afetar alguns índices de enquadramento, mas a sua variação de intensidade relativamente moderada não alterou significativamente o equilíbrio do rácio de 22 atletas por técnico que se vem mantendo nos últimos anos.

Evolução desportiva

Unid.: N°

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Atletas	23 802	23 619	23 112	23 001	23 337	23 445	22 557
Técnicos	1 116	1 065	979	1 031	1 060	1 069	1 043
Árbitros ou Juízes	1 028	1 043	918	1 038	1 080	1 053	1 182
Dirigentes ou Outros Agentes	1 816	1 778	1 800	1 860	1 813	1 844	1 861
Clubes ou Entidades(a)	462	396	394	396	392	399	394
Equipas ou Grupos Praticantes..	1 226	1 243	1 221	1 144	1 251	1 233	1 186

a) Somatório obtido a partir das diversas modalidades implica dupla contagem, já que há algumas modalidades praticadas num mesmo clube.

Fonte: Direção Regional do Desporto.

A modalidade de futebol de onze com 4 972 atletas inscritos continua a destacar-se pela posição que ocupa, representando mais de 1/5 do total e voltou a registar um acréscimo em relação ao ano anterior.

Já o futebol de salão, depois das fases de arranque com ritmos de crescimento elevados e de uma certa estabilização com crescimento em desaceleração, registou decréscimos nos últimos dois anos. De facto o número máximo de praticantes, com 2 494 inscrições, ocorreu em 2016.

Entre outras modalidades menos representativas destaca-se a de ténis pela regularidade de crescimento, registando variações positivas consecutivas nos últimos 6 anos.

Indicadores – época de 2018

Unid.: N°

Modalidades	Atletas	Técnicos	Árbitros/ Juizes	Dirigentes / outros agentes	Clubes/ Enti- dades a)	Equipas/ Grupos Prati- cantes	N° jogos/ provas locais	N° Part. provas régionais	N° Part. provas na- cionais	Dura- ção da Época	Conc.
Andebol	548	23	20	44	8	32	212	323	146	6	5
Atletismo	1 419	55	132	62	31	71	655	524	182	8	13
Automobilismo	239	0	101	68	b)						
Badminton	310	8	10	7	5	14	149	0	18	7	5
Basquetebol	1 589	71	116	47	22	122	554	342	285	8	8
Canoagem	169	12	8	20	8	5	117	137	29	7	6
Ciclismo	536	22	26	89	21	18	491	81	126	10	6
Columbofilia	35	0	4	9	2	3	23	0	0	5	3
Dança Desportiva	128	9	4	2	7	2	54	0	70	8	2
Desporto Equestre	202	6	5	2	4	3	73	326	6	3	3
Egrima	45	2	1	3	1	1	96	0	28	9	1
Futebol	4 972	296	136	790	57	242	3 192	317	367	9	15
Futsal	2 046	130	88	290	49	148	1 666	370	260	9	16
Ginástica Aeróbica	190	4	11	2	2	14	58	169	102	6	1
Ginástica Artística	61	3	0	0	2	4	15	0	12	6	1
Ginástica Rítmica	73	2	5	0	1	5	52	0	4	6	1
Golfe	439	4	2	13	2	36	113	270	134	11	2
Hóquei em Patins	289	18	15	36	4	24	93	142	88	6	3
Jet ski	39	5	0	4	7	0	27	85	18	6	6
Judo	1 323	33	46	28	11	66	128	123	92	7	6
Karaté	956	47	91	21	21	18	281	214	200	9	14
Kickboxing	207	9	3	0	6	2	119	144	20	5	4
Motociclismo	44	0	5	3	3	2	12	23	5	4	4
Natação	909	33	64	20	13	48	159	578	136	9	8
Parapente	33	0	0	0	b)						
Patinagem Artística	399	12	66	8	8	24	66	55	92	10	3
Patinagem Velocidade	133	5	40	3	6	1	69	52	27	9	6
Pesca Desportiva	66	0	0	5	4	b)					
Pesca Desportiva Alto Mar	29	0	0	6	4	1	7	0	46	3	4
Surf	68	4	10	6	6	0	3	36	23	9	4
Ténis	703	16	6	19	9	44	150	102	66	6	7
Ténis de Mesa	838	43	45	72	15	51	575	95	343	7	9
Tiro com Armas de Caça	73	0	0	0	5	4	69	49	0	10	5
Tiro com Arco	17	2	1	2	2	0	53	0	0	8	2
Tiro de Precisão	225	12	28		4	16	137	116	48	10	4
Vela	341	16	12	37	12	9	121	228	41	9	12
Voleibol	2 661	131	77	24	26	153	3 121	738	368	7	12
Xadrez	221	10	4	111	10	3	88	110	107	7	5
TOTAL	22 575	1 043	1 182	1 861	392	1 186	12 771	6 026	3 472		

a) O total não corresponde ao somatório da coluna mas sim ao total de clubes existentes, já que muitos desenvolvem mais de uma modalidade.

b) As Associações (ou clubes) das modalidades em causa não têm a obrigatoriedade de nos enviar o registo da atividade local regional ou nacional por não terem celebrado qualquer contrato-programa com a DRD.

Fonte: Direção Regional do Desporto.

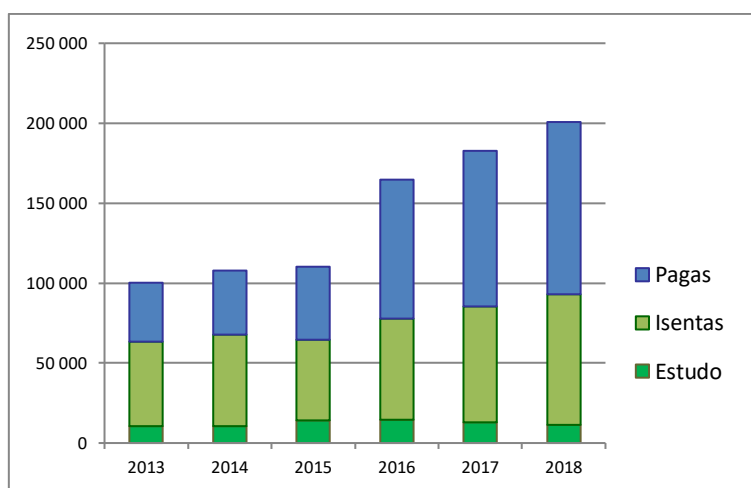
14. CULTURA

Durante o ano de 2018, o volume global da procura de visitantes aos museus da Região Autnoma dos Açores prosseguiu na linha de evoluo recente, após uma forte intensificao de crescimento durante o ano de 2016.

Observando a composio daquela procura global, segundo a respectiva forma de entrada, verifica-se que a mudança mais significativa de crescimento centra-se nas entradas pagas, as quais passaram a representar mais de metade do total.

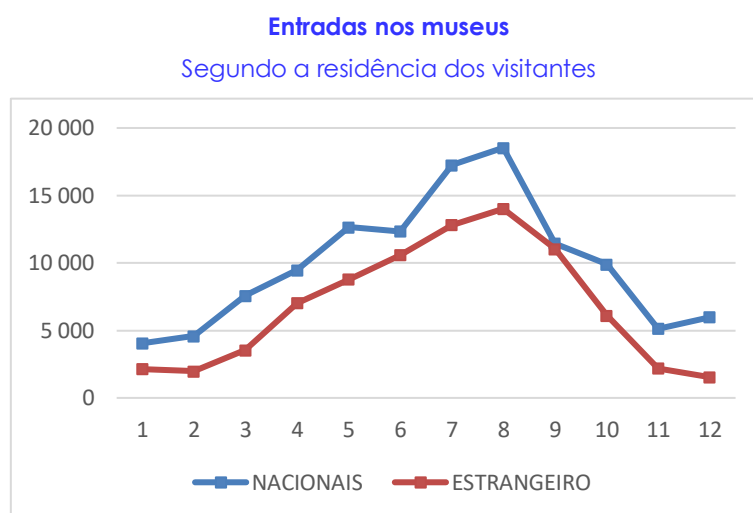
Nas outras formas de entrada, por sua vez, não se alterou significativamente a sua posio de base, como  o caso de entradas por motivos de estudo, ou então prosseguiram na linha de tendência já observável na fase anterior  intensificao de crescimento, como  o caso das entradas isentas por visitas aos domingos, por eventos, por profissionais de turismo e jornalistas entre outros tipos de motivos de visitao.

Entradas nos museus
Segundo forma de visita



A distribuo intra-anual mostra uma sazonalidade que atingiu o seu pico no mês de agosto, quer por parte de visitantes residentes nacionais, quer por residentes no estrangeiro.

Esta sazonalidade mostra certas características semelhantes às observáveis na hotelaria através da distribuição intra-anual da procura pelos respectivos hóspedes. Todavia, destaque-se a diferença de predomínio de residentes no país, registando-se um número equiparável para os residentes no estrangeiro apenas no mês de Setembro.



Em 2018, os dados das bibliotecas públicas e arquivos continuam a mostrar que há documentos solicitados mais do que uma vez por consulta.

Efetivamente, cerca de 86 milhares de documentos foram requeridos por utilizadores em mais de 117 milhares de solicitações.

Bibliotecas e arquivos públicos regionais - 2018

Utilizadores e documentos consultados

Unid.: N°

Organismo	Utilizadores	Documentos
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo	40 980	30 447
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada	57 994	41 934
Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça – Horta.....	18 197	14 178
Total	117 171	86 595

Fonte: DRC

Sociedades com finalidade de execução musical (filarmónicas) e grupos de dança (folclore) têm mantido uma actividade com implantação

territorial interessante, concretizando-se através de cerca de 100 filarmónicas e de 65 grupos folclóricos.

Já a representação cénica através de grupos de teatro apresenta níveis de implantação mais restritos e de exercício de actividade mais variáveis.

Agremiações e grupos culturais

Unid.: N°

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Filarmónicas	1	36	23	4	14	13	8	1	1	101
Grupos de Folclore.....	2	25	19	1	2	9	6	1	0	65
Grupos de Teatro	0	3	3	1	0	0	1	1	0	9

Fonte: DRC.

15. SAÚDE

As consultas realizadas no âmbito do Serviço Regional de Saúde totalizaram 831,0 mil atos clínicos durante o ano de 2018, incorporando um crescimento em relação ao ano anterior à taxa média de 2,3%.

Por sua vez, os atos clínicos de urgências totalizaram 314,8 registos, o que representa um decréscimo proporcionalmente simétrico ao crescimento das consultas, traduzindo-se numa taxa média de -2,3%.

Os sentidos destas variações anuais, positivo nas consultas e negativo nas urgências, assinala-se, foram comuns às procuras de serviços de saúde prestados nos hospitais ou então, nos centros de saúde.

Consultas e Urgências⁽¹⁾

	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Consultas.....	616 186	642 519	725 448	791 369	811 985	831 027
Centros de Saúde*	308 883	332 051	403 244	446 444	469 690	478 645
Hospitais	307 303	310468	322 204	344 925	342 295	352 382
Urgências	341 461	331 454	331 541	343 717	322 231	314 805
Centros de Saúde .	163 783	152 808	139 773	146 628	135 160	131 041
Hospitais	177 678	178 646	191 768	197 089	187 071	183 764

(1) A partir do ano de 2015 a informação é retirada da aplicação Medicine One.

* Inclui consultas no Centro de Oncologia.

Fonte: Direção Regional de Saúde.

No âmbito de serviços de internamento de doentes para tratamento registou-se uma procura de 28,8 milhares de entradas, que deram origem a uma permanência correspondente a 184,6 mil dias.

Com estes dados obtém-se uma demora média de 6,4 dias por doente internado, que é superior à do ano anterior e, assim, contribuiu para o aumento do nível de utilização de equipamentos.

Acrescentando a este fator o próprio decréscimo da lotação dos serviços de saúde obtém-se um nível de ocupação maior, que se traduziu na taxa de 61,4%, enquanto no ano anterior se situara em 59,7%.

Internamento⁽¹⁾

	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Doentes	29 225	27 889	27 361	27 708	29 296	28 846
Dias	198 153	191 303	176 529	180 121	181 442	184 637
Lotação.....	975	964	848	863	832	824
Demora média (dias)...	6,8	6,9	6,5	6,5	6,2	6,4
Taxa de ocupação (%)	55,7	54,4	57,0	57,2	59,7	61,4

(1) A partir do ano de 2015 a informação é retirada da aplicação Medicine One.

Fonte: Direção Regional de Saúde.

Os meios complementares de diagnóstico e tratamento atingiram o total de 5,5 milhões durante o ano de 2018, representando um crescimento à taxa média de 1,0%.

Este acréscimo decorreu dos meios utilizados em atos de diagnóstico, já que para os de terapêutica se registou uma redução naquele mesmo ano.

Meios Complementares

	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Diagnóstico ...	3 762 416	3 773 193	3 877 867	4 136 301	4 258 450	4 337 937
Terapêutica ..	791 096	904 648	1 336 586	1 211 708	1 235 164	1 212 442
Total	4 582 633	4 677 841	5 214 453	5 348 009	5 493 614	5 550 379

Fonte: Direção Regional de Saúde.

O número total de pessoal no sistema regional de saúde correspondeu a 5 068 profissionais ativos, representando um crescimento à taxa média de 0,2% em 2018.

O sentido positivo desta variação ficou a dever-se aos crescimentos em dois grupos de profissionais, o de médicos e o de técnicos de diagnóstico e terapêutica, respectivamente, às taxas de 3,7% e de 1,7% naquele mesmo ano.

Pessoal

	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Médicos.....	565	580	574	599	588	610
Enfermeiros	1449	1 459	1 448	1 545	1 595	1 585
Técnicos de diagnóstico e terapêutica	308	315	325	323	343	349
Outro pessoal	2 347	2 354	2 417	2 522	2 532	2 524
Total	4 669	4 708	4 764	4 989	5 058	5 068

Fonte: Direção Regional de Saúde.

Observando a distribuição por ilhas das variáveis e indicadores referidos nos parágrafos anteriores ressaltam as diferenças de dimensão e do exercício de práticas clínicas decorrentes da localização de valências oferecidas pelo serviço regional de saúde.

Serviços de maior especialidade evidenciam-se mais através de variáveis associadas a recursos humanos, como o exemplo de número de médicos.

Serviços de maior proximidade revelam maior evidência a variáveis associadas a capacidade de internamento como a lotação particularmente crítica em centros de saúde com menores acessibilidades aos hospitais.

Distribuição por ilhas 2018

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Consultas	17 031	439 456	180 569	19 207	26 637	45 719	87 096	12 516	2 799	831 027
Urgências	8 026	158 402	73 927	4 821	16 786	25 250	22 147	5 428	18	314 805
Doentes.....	558	17 986	5 841	184	662	231	3 127	257	0	28 846
Lotação	15	394	211	16	32	39	100	17	0	824
Diagnósticos.	81 749	2 229 399	1 173 203	61 621	103 562	226 551	396 204	49 026	261	4 337 937
Médicos.....	3	355	157	3	9	16	64	2	1	610

Fonte: Direção Regional de Saúde.

16. SEGURANÇA SOCIAL

O montante de 278,9 milhões de euros de receitas da segurança social, durante o ano de 2018, incorpora um acréscimo à taxa média de 13,6% em relação ao ano anterior, representando, simultaneamente uma aceleração de crescimento.

Por outro lado, as despesas de 264,6 milhões de euros também registaram um acréscimo no mesmo período, mas com uma intensidade mais moderada e em desaceleração, traduzindo-se numa taxa média de 9,2%.

Desta forma foi possível, além de financiar e desenvolver as diversas ações ao longo do exercício de 2018, libertar mais recursos em termos de saldos financeiros.

Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

	2014	2015	2016	2017	2018
Receitas.....	228 707	235 920	226 273	245 454	278 870
Contribuições	211 306	219 244	212 042	231 086	264 063
Rendimentos	1 428	1 086	980	830	412
Outras.....	15 973	15 590	13 251	13 588	14 395
Despesas	218 031	213 739	220 462	242 437	264 629
Prestações dos regimes* ...	118 218	110 105	114 282	126 975	140 857
Ação Social.....	64 013	64 353	64 717	66 509	68 722
Administração e outras	35 800	39 281	41 463	48 953	55 050
Saldo (Receitas – Despesas) .	10 676	22 181	5 811	3 017	14 241
Saldo (Contrib. –Prestaç.)	93 089	109 139	97 759	104 111	123 206

* Conforme nova Lei de Bases.

Fonte: CGFSS.

No âmbito das despesas com prestações dos regimes destaca-se o crescimento das principais rubricas, a saber: Repartição – Regime geral, Protecção familiar e Rendimento social de inserção.

Por outro lado, o Subsídio social de desemprego no montante de 8,4 milhões de euros representa um decréscimo em relao ao ano anterior, integrando-se na trajectória que vem delineando nos últimos anos.

Despesas – Prestaes dos Regimes

1 000 Euros

	2014	2015	2016	2017	2018
Rendimento Social de Insero	16 694	17 168	20 649	22 368	23 057
Subsídio Social de Desemprego/provisório/majorao.....	9 650	9 121	9 007	8 693	8 435
COMPAMID *	762	845	563	917	865
Regime Não Contributivo	1 691	1 567	1 825	2 097	2 058
Regime Transitório dos Rurais	0	0	0	0	0
Regime Especial de Seg. Social das Ati. Agrícolas.....	884	767	685	610	565
Subsídio Social na Maternidade.....	1 158	1 159	1 141	985	960
Proteo Familiar	26 929	27 145	28 694	31 861	39 998
Prestaes Sociais.....	2 169	2 117	2 068	2 095	2 235
Repartico - Regime Geral (Desemprego)	58 064	50 029	49 536	57 306	62 639
Políticas Ativas de Emprego e Formao Profissional	216	188	115	42	45
TOTAL	118 218	110 105	114 282	126 975	140 857

* Complemento para aquisio de medicamentos pelos idosos (DLR n4/2008/A, de 26 de fevereiro).

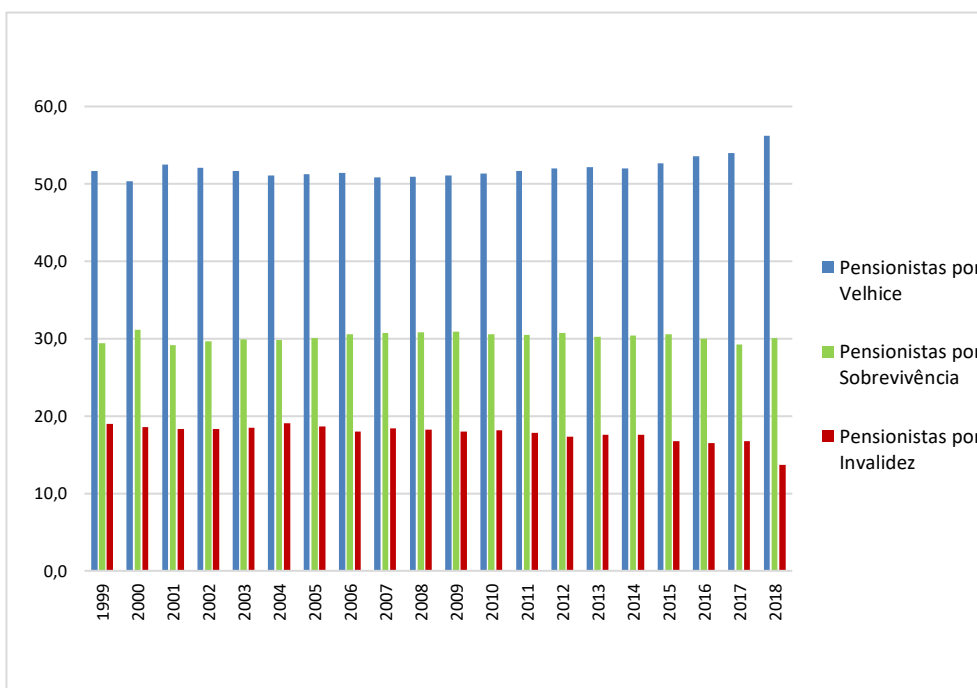
Fonte: CGFSS.

Entre os pensionistas beneficiários da Segurança Social destaca-se a componente de reformados por velhice como substituio de retribuio do trabalho pela funo que desempenha no âmbito do regime contributivo e pela posio crescente que vem ocupando, atingindo cerca de 56% do total em 2018.

As pensões por sobrevivência vêm ocupando uma posio de cerca de 30%.

Já o número de pensionistas por invalidez em acidente ou doença antes de atingir a idade de reforma tem vindo a reduzir-se na sua dimensão.

Pensionistas da Segurança Social (%)



No âmbito das despesas de acção social voltou a observar-se no ano de 2018 uma estrutura idêntica à do ano anterior, tendo-se registado acréscimos com intensidades idênticas nas suas diversas componentes.

Efetivamente, a taxa média anual de 3,5%, que os 68,7 milhões de euros do total de despesas de acção social representam em relação ao ano anterior, também se observou em cada uma das quatro grandes rubricas, a saber: Infância e juventude, Família e comunidade, Invalidez e reabilitação e, por fim, Terceira idade.

Despesas – Acção Social

1 000 Euros

	2014	2015	2016	2017	2018
Infância e Juventude	30 314	29 996	30 158	30 993	32 024
Família e Comunidade	15 045	14 526	14 766	15 175	15 680
Invalidez e Reabilitação	5 514	6 034	6 074	6 242	6 450
Terceira Idade	13 141	13 797	13 719	14 099	14 568
Total	64 014	64 353	64 717	66 509	68 722

Fonte: CGFSS.

17. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Os dados relativos ao ano de 2018 mostram que a evolução de tecnologias de informação e de comunicação nos agregados domésticos da região Autónoma dos Açores se integra nas linhas de tendência já esboçadas em anos anteriores.

Continuou a registar-se progressão, mas a ritmo mais moderado e nalguns casos sem variação significativa.

Este tipo de evolução é observável através de indicadores de acessibilidade ou grau de cobertura (posse de computador, ligação à internet e banda larga) e também de indicadores sobre utilização dos equipamentos e tecnologias (computador e internet).

Além disso os indicadores de internet em geral têm registado progressões maiores do que os de computadores, superando-os em termos de acessibilidade ou cobertura e, também, de níveis de utilização.

Evolução de Tecnologias de Informação e de Comunicação nos Agregados Domésticos - RAA

Unidade: %

	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Posse de computador.....	56,0	61,2	64,8	67,3	67,5	71,5	75,5	79,9	75,8	75,8
Ligação à Internet	46,7	54,0	59,6	64,1	66,3	70,0	75,9	79,9	84,2	86,5
Banda Larga.....	45,5	51,1	59,2	63,5	66,1	69,0	74,8	79,5	83,9	84,2
Utilização de computador.....	42,7	48,7	52,4	60,6	64,4	68,0	72,1	71,4	67,1	67,1
Utilização de Internet ..	36,8	44,6	50,3	58,5	63,1	67,0	71,0	71,4	75,4	75,9

Fonte: INE. / SREA.

Observando os indicadores anteriores, mas agora do ponto de vista da sua situação mais recente no contexto territorial de distribuição por regiões (NUTs II), verifica-se que de uma forma geral a difusão em termos de posse e utilização de internet é mais ampla que a de computadores.

Esta situação decorrerá do fenómeno de inovação e difusão desenvolver e gerar resultados idênticos a nível do país.

**Distribuição por Regiões, em 2018, de TICs
nos Agregados Domésticos**

Unidade: %

	Posse de computador*	Ligação à Internet	Banda Larga	Utilização de computador	Utilização de Internet
Portugal.....	71,5	79,4	76,9	66,8	74,7
Norte.....	68,3	76,7	73,7	60,4	69,2
Centro.....	69,1	75,1	72,8	64,2	72,9
Lisboa.....	79,2	87,7	85,8	78,3	84,0
Alentejo.....	61,9	70,6	67,0	63,4	71,0
Algarve.....	69,0	76,5	73,6	67,1	75,1
R. A. Açores.....	75,8	86,5	84,2	67,1	75,9
R. A. Madeira.....	74,3	82,7	81,3	65,0	75,8

* Valores de 2017.

Fonte: INE.

A utilização da internete em geral continua a atingir níveis mais amplos que nos casos mais específicos de comércio electrónico e de preenchimento/ envio de formulários oficiais para organismos da administração público.

**Distribuição por Regiões, em 2018, de TICs
pelas Pessoas entre 16 e 74 anos**

Unidade: %

	Internet	Comércio electrónico	Administração Pública
Portugal.....	75	27	30
Norte.....	69	22	24
Centro.....	73	24	28
Lisboa.....	84	35	42
Alentejo.....	71	29	26
Algarve.....	75	23	28
R. A. Açores.....	76	28	25
R. A. Madeira.....	76	27	25

Fonte: INE.